

VOZ OPERÁRIA



Nº 207 ☆ RIO DE JANEIRO, 1-5-1953



Viva o Primeiro de Maio

Hoje, Primeiro de Maio, data gloriosa de solidariedade do proletariado internacional, os trabalhadores de todos os países desfaldam suas bandeiras de combate. Em todos os recantos do globo o grande e inventivo exército de Trabalho, que encabeça e leva à vitória a grande luta de nossos dias, a luta pela paz, causa de toda a humanidade, passa em revista suas forças.

Quantas e quão profundas transformações, quantas e quão significativas vitórias históricas desde as históricas jornadas do já longínquo ano de 1886 em que foram enforcados os cinco líderes operários de Chicago pelos sanguinários capitalistas norte-americanos! Desde o coração da Europa até o Extremo Oriente os heróis da exploração do homem pelo homem são varridos para sempre, cada país se transforma em florescente jardim socialista. Na gloriosa União Soviética, onde primeiro foi rompida a frente imperialista, já se inicia a construção do comunismo, o regime que dará pão e rosas para todos.

Já se tornou tradicional a rebaixa anual dos preços dos artigos de amplo consumo no grande país de Lénin e Stálin, manifestação mais evidente da solidez e prosperidade de sua economia e da sua política de paz.

Em contraste, os trabalhadores e o povo de todos os países capitalistas sem exceção sofrem as duras consequências da agravação incessante da carestia da vida, manifestação evidente do apodrecimento da economia, consequência direta da política de guerra, de mais canhões e menos pão.

Os trabalhadores de todos os países saem à rua neste Primeiro de Maio para manifestarem que a defesa e a solidariedade com a União Soviética é a defesa de sua própria pátria, a luta pela conquista dos seus direitos pisoteados, a ação combativa para que seus próprios povos tenham um futuro tão radioso e feliz como é o dia de hoje para os povos soviéticos.

Em nossa pátria, a grande data internacional dos trabalhadores encontra o proletariado em pleno combate vitorioso contra a carestia, contra os salários de fome. As grandes greves desencadeadas em todo o país demonstraram que os trabalhadores não se deixam esfomear e massacrar sem lutar e são capazes de levar todo o povo à ação unida contra os exploradores e lacaios dos incendiários de guerra lampadas. A imponente e vitoriosa luta do proletariado paulista abalou as bases do Estado feudal-burguês, eçou no país inteiro, encheu de alegria e confiança na conquista de dias melhores os corações de milhões de brasileiros. Estas lutas colocaram definitivamente a classe operária na sua posição justa de dirigente de todo o povo na luta pela paz, contra a carestia, pelas liberdades e a independência da pátria. O proletariado assasta seus golpes na política de fome e guerra, manifesta-se contra a dominação americana, proclama sua oposição inflexível ao infame acórdão militar de Getúlio com o governo dos generais milionários dos Estados Unidos.

Mais importante ainda que as vitórias imediatas conquistadas é a convicção firme deixada pela luta de que o povo é mais forte que seus opressores, que as massas podem levar sua luta até o fim, até à derrubada deste regime de carestia e guerra e substituí-lo por um regime de paz, fartura e liberdade.

Neste Primeiro de Maio o proletariado brasileiro olha para o futuro com alegria e confiança. São as suas forças as que crescem e são cada vez mais coesas e nãe as dos grandes capitalistas traidores da pátria, que prolongam sua agonia envergando a libra de lacaios dos americanos.

Banqueiro e vereador da carestia

Em uma das últimas sessões da Câmara Municipal desta cidade, foi apresentada ao plenário pelo vereador Miguel Antonio Zarvos, para discussão, uma representação do povo de Lins, assinada por 1.165 pessoas, reclamando contra o constante aumento do custo de vida e solicitando do Legislativo Municipal, providências no sentido de se pôr um paradeliro à loucura dos especuladores e exploradores da miséria do povo que leva ao desemprego principalmente os que vivem de salários mínguados.

O vereador Alcides Ramos Antunes, para qual os preços estupidamente altos do arroz e do feijão não trazem certamente transtornos à sua economia doméstica, pois, como gerente de um Banco local deve ganhar o suficiente para enfrentar a descontrolada ganância dos ladrões do povo, levantou-se desshridamente contra a proposta do vereador Zarvos para que se considerasse aquela representação popular alegando que o negócio cheirava a comunismo, razão mais que suficientemente — disse — para que se atrasasse para a cesta tão inútil-papelucho. Entretanto, o vereador Zarvos insistiu, justificando a oportuniíssima solicitação do povo de Lins que se vê a braços com uma situação de desespero, ante a qual os poderes públicos federais, estaduais e municipais cruzam os braços criminosamente, sem atentarem para as consequências de tão esdrúxula atitude. Diante pois, da recusa da Câmara de tomar uma atitude favorável às reclama-

ções do povo, influenciada como estava com a argumentação estúpida e acaciana do vereador Antunes, propôs então o vereador Zarvos que se requeresse ao governo federal, medidas tendentes a satisfa-

zer aos reclamos da nossa população remetendo-se à Presidência da República a representação do povo de Lins, o que foi aprovado.

Lins, 31-3-53
Do Correspondente

Vigilância proletária

(Observações de um jornalista da imprensa burguesa)

Um dos aspectos mais impressionantes da greve operária eclodida em março último e continuada neste mês de abril foi, aos olhos do jornalista autor destas linhas, o da vigilância proletária. Tendo se organizado em forma tanto quanto possível perfeita, visando à unidade monolítica de todas as categorias em greve, desde logo dispuseram os trabalhadores de seus comandos seus «Quartéis-Generais» seus piquetes, etc., bem como de suas comissões de Propaganda, Finanças Solidarieidade e outras. Para assegurar a realização de assembleias soberanas, onde a influência patronal e policial pudesse ser evitada o mais possível, um serviço especial de vigilância foi estabelecido.

Nossa primeira agradável surpresa teve lugar no Clube Piratininga, à rua da Moóca 1.060, a cuja porta, escadas e entrada particular portavam-se operários têxteis, com firmeza, exigindo documentos a quantos al quisessem penetrar. Mas não só com firmeza; também com muita delicadeza e tato. Qualquer estranho, que por acaso se sentisse «chocado» com tamanha vivacidade, logo vê-la-ia justificada na solene importância das assembleias reunidas no interior, onde milhares de consciências proletárias se faziam uma única consciência, na determinação de resolver com uma democracia cem-por-cento os problemas de classe.

Estamos escrevendo estas linhas algumas horas apenas depois de havermos também passado pela «peineira» da vigilância. Realmente, no afã de ouvir a palavra de um reconhecido líder dos operários têxteis, e gentilmente atendido por ele, logo sentimos a discreta porém segura atuação

daqueles operários que protegem seus leais dirigentes como capitães de sua luta e fatores de suas vitórias.

Igualmente no antigo Hipódromo da Moóca, na rua Bresser, a vigilância operária tem sido admirável. O local das reuniões é vasto, com varios portões de ingresso. Para assegurar soberania e tranquilidade em suas decisões, decidiram os trabalhadores metalúrgicos estabelecer apenas uma entrada e uma saída, ambos os portões guarnecidos pelos elementos de piquete especiais. Observando esse fato com espírito tático, apenas um ponto fraco pudemos encontrar. E' que, se o portão central, de entrada, estava fortemente guardado, muito menor era o número de vigilantes no portão de saída... Ora, se praticar uma invasão do campo estivesse nas cogitações do inimigo de classe, este facilmente poderia ter transformado o portão de saída em portão de entrada. E talvez não o tivesse tentado porque, afinal, invadir um Q.G. com dezenas de milhares de operários e lá permanecer não é coisa simples. Outra positividade que observamos foi a existência de guarnições ao longo dos muros que ladeiam a rua Taquari.

Me parece claro que um ou outro policial consegue penetrar em tais fortalezas operárias, mesmo porque costumam infiltrar-se nos próprios locais de trabalho e sua atuação, em época de greve, se faz sentir nos espíritos derrotistas, intrigantes, divisionistas. Mas a atuação deste tipo de inimigo é sempre neutralizada pelo senso comum dos trabalhadores, cujo espírito, de classe forja não aqueles sentimentos, mas sim o entusiasmo, a tolerância democrática e a unidade.

O POVO DE CAXIAS EXIGE REBAIXA DOS PREÇOS

Caxias do Sul é uma das localidades riograndenses, onde mais caros estão os gêneros de primeira necessidade. Basta dizer que a banha, está custando de 23 a 25 cruzeiros, o arroz a 8, o açúcar vale 6 e a massa 9 cruzeiros. Entretanto, os salários em média são de 900 cruzeiros mensais neste lugar dois quartos pequenos são alugados por 350! Esta situação provoca a mais viva indignação entre 155 mil trabalhadores desta cidade que são explorados brutalmente. A luta contra a carestia, foi o traço que unificou milhares de operários numa luta decidida contra os tubarões e o seu governo.

Para se ter idéia da miséria em que vive os trabalhadores basta dizer que um trabalhador da indústria de mactaria com mulher e quatro filhos, apresentou-nos um orçamento mínimo para não morrer de fome, de 1.178,50, sem incluir roupa, calçados, remédios, etc. Como é possível viver se os salários não chegam a mil cruzeiros?

Tal situação é insustentável. Daí a iniciativa dos sindicatos de constituírem uma grande comissão Inter-sindical. Esta programou um assembleia monstro e marcou um grande comício que não se realizou devido a um violento temporal. Mas realizou-se uma grande assembleia na sede dos sindicatos onde os oradores denunciaram a política anti-operária do governo que gastava com aviões a jato e navios de guerra, pretende fazer dos soldados bucha de canhão, e o ato o povo passa fome. O entusiasmo foi enorme. Foi marcado comício para o dia 27 a fim de ser evitada da Câmara Municipal a rebaixa imediata dos gêneros. A luta contra a carestia entusiasma todo o povo de Caxias. Já se formaram várias comissões de bairro, ligadas à Comissão Central, e que dizem a luta do todo o povo caxiense contra a alta do custo de vida, o aumento de salários, contra os tubarões e seu governo de fome e de guerra.

DO CORRESPONDENTE

Na E. F. Araraquarense não se pode adoecer

Há pouco tempo apareceu na Estrada de Ferro Araraquara, como chefe do tráfego, o sr. dr. Abel Magalhães de Almeida, Verdadeiro fascista que tem odio ao trabalhador, vem pondo em sobressalto inúmeros funcionários, pois, por qualquer coisa, suspende, demite e pune, sem motivo. Ante qualquer falta, um funcionário é suspenso por 30 dias.

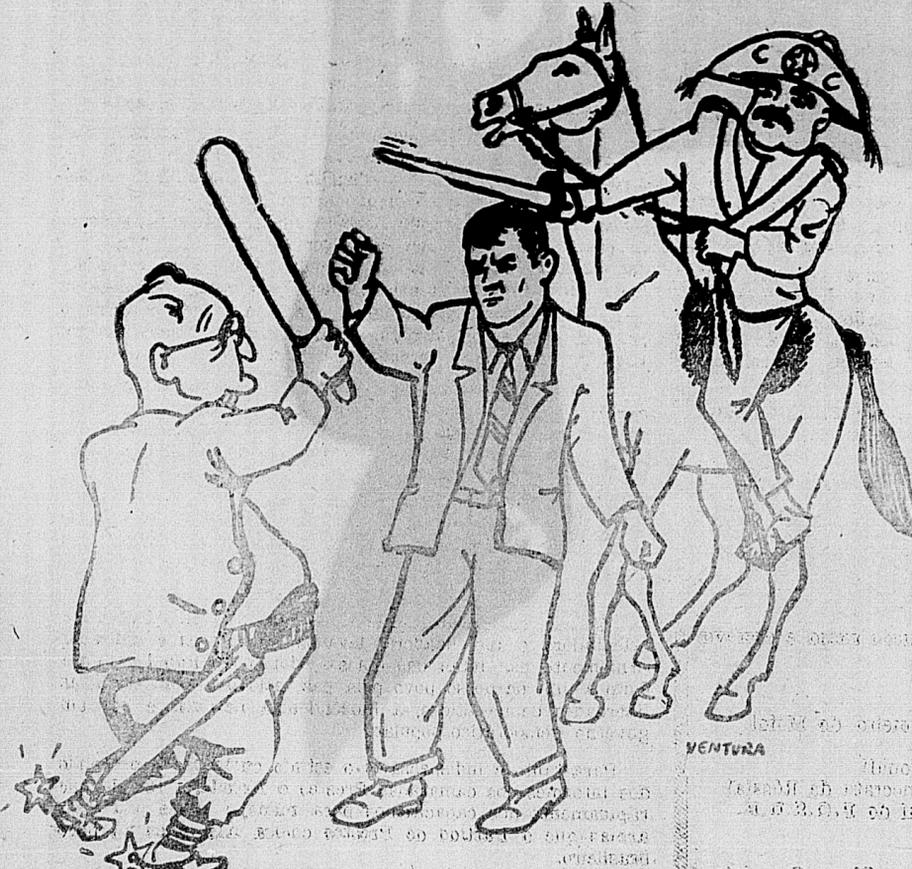
Em 17 de março último, Magalhães demitiu o sr. Clorivaldo Corrêa Santos, despachador de trens, na seção de movimento em São José do Rio Preto, pelo simples fato de ter sofrido um mal súbito às 2,50 da madrugada do dia 18 de fevereiro, quando scznhq trabalhava no escritório do movimento. Clorivaldo sentindo-se muito mal, foi em procura de uma farmácia e o sr. Abel, no seu modo fascista de ver as coisas suspendeu-o por algum tempo de serviço. Primeiro suspendeu-o por 30 dias, depois demitiu-o sem pagamento de indenização, aviso prévio, férias e outros direitos. Nem mesmo inquirito administrativo foi aberto.

Estas arbitrariedades são comuns na E. F. A. Os capangas de Ademir tudo fazem para ludar os ferroviários, tanto na Administração como na Associação dos Ferroviários da Araraquarense que está sendo manobrada pelos pelegos e policiais como Geraldo Ferreira dos Santos, que só sabem prestar homenagem aos Abéis e Cia. tros.

Todavia, os ferroviários estão vindo dia a dia, que só a organização de todos derrotará os atentados que o governo e os exploradores da ferravia cometem contra seus direitos. Araraquara, 18-3-53. (A) Antonio Pedrosa Filho.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	JUÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ	Av. Rio Branco, 357 - 17º andar - Sala 1112 - SUCURSAL
SÃO PAULO	Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29; P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl. 18
RECIFE	Rua da Palma, 255 - Sala 05 - Ed. Sueli
SALVADOR	Rua João de Deus, 1 - Sala 1 - TOR
TALEZA	Rua Barão do Rio Branco, 1215 - Sala 22
ASSINATURAS	5000
Ano	1953
Semestral	1000
Trimestral	500
Nº. Avulso	100
Nº. atrasado	150
Este Semanário é impresso em S. PAULO de NOBRE FILHO.	
— PORTO ALEGRE —	
— FORTALEZA —	
— DUB —	
— BELEM —	



OS MEDIADORES DA GREVE DE SÃO PAULO

VIVA O 1.º DE MAIO! (*)

J. Stálin



Camaradas!

Desde o século passado os operários de todos os países decidiram festejar todos os anos este dia, o dia do Primeiro de Maio. Isso aconteceu em 1889, ano em que, no congresso dos socialistas de todos os países, realizado em Paris, os operários decidiram que justamente hoje, no dia Primeiro de Maio, quando a natureza desperta do sono invernal, os bosques e as montanhas cobrem-se de verde, os campos e os prados ornam-se de flores, os raios do sol tornam-se mais tépidos, vibra no ar a alegria do renascimento e a natureza abandona-se à dança e ao júbilo — decidiram eles que justamente hoje se declarasse ao mundo inteiro, altissonante e abertamente, que os operários trazem à humanidade a primavera e a libertação das cadeias do capitalismo, que os operários são chamados para renovar o mundo em nome da liberdade e do socialismo.

Todas as classes têm as suas festas preferidas. Os nobres instituíram suas festas em que proclamavam seu «direito» de espoliar os camponeses. Os burgueses têm as suas, em que «justificam» o «direito» de explorar os operários. Também os padres têm suas festas, e exaltam nelas a ordem social existente, pela qual trabalhadores morrem na miséria e os mandriões rebolcam-se no luxo.

Também os operários devem ter a sua festa e nela devem proclamar: trabalho para todos, liberdade para todos, igualdade para todos os homens. Esta é a festa do Primeiro de Maio.

Assim decidiram os operários desde 1889.

A partir de então o brado de luta do socialismo operário ecoa cada vez mais forte nos comícios e nas demonstrações do Primeiro de Maio. Cada vez mais o oceano do movimento operário amplia suas praias, abarcando novos países e Estados, da Europa e da América à Ásia, à África e à Austrália. A associação internacional dos operários, débil, durante algum tempo, transformou-se no volver de poucos decênios numa grandiosa união fraterna internacional que realiza regularmente seus congressos e reúne milhões de operários de todas as partes do mundo. O mar da cólera proletária eleva-se em altas ondas e cada vez mais ameaçador avança sobre as cidadelas vacilantes do capitalismo. A recente grande greve dos mineiros nas minas de carvão da Inglaterra, Alemanha, Bélgica, América, etc., greve que amedrontou os exploradores e os reis do mundo todo, é claro indicio de que a revolução socialista não está longe...

«Nós não adoramos o bezerro de ouro! Não temos necessidade do reinado dos burgueses e dos opressores! Maldição e morte ao capitalismo, com os seus horrores: a miséria e os massacres! Viva o reinado do trabalho, viva o socialismo!

Eis o que proclamam hoje os operários conscientes de todos os países.

E seguros da sua vitória, calmos e fortes, marcham eles ativos pelo caminho da terra prometida, do radioso socialismo e, passo a passo, realizam o grande apelo de Carlos Marx: «Operários de todos os países, uni-vos!»

Assim festejam o Primeiro de Maio os operários dos países livres.

Os operários russos desde que começaram a ter consciência de suas condições, não querendo ficar atrás de seus camaradas, sempre se uniram ao coro dos camaradas estrangeiros, festejando com eles o Primeiro de Maio, a todo o custo, não obstante as ferozes repressões do governo czarista. E' verdade que nos últimos dois ou três anos, no período da bacanal contra-revolucionária, da desorganização do Partido, da depressão industrial e da mortal indiferença política entre as amplas massas, os operários russos ficaram na impossibilidade de festejar como dantes a sua raizosa festa operária. Mas a ascensão que nos últimos tem-

pos principiou no país, as greves econômicas e os protestos políticos dos operários, a fim de que pelo menos se reexamine a questão dos deputados social-democratas à segunda Duma, o descontentamento surgido entre amplas camadas de camponeses em virtude da penúria que se estendeu a mais de vinte governos, os protestos de centenas de milhares de empregados do comércio contra o regime «renovado» dos arquireacionários russos: tudo isso é uma prova de que a mortífera sonolência está para desaparecer, cedendo o lugar a uma ascensão política no país e primeiro que tudo entre o proletariado. Eis por que os operários podem e devem este ano estender a mão aos seus camaradas estrangeiros. Eis por que devem, desta ou daquela forma, festejar com eles o Primeiro de Maio.

Devem dizer hoje que, juntamente com os camaradas dos países livres, não adoram e não adorarão o bezerro de ouro.

E devem ademais acrescentar às reivindicações gerais dos operários de todos os países a sua reivindicação, a reivindicação russa: da derrubada do czarismo, da instauração da república democrática.

«Dos tiranos as coroas execremos — Dos oprimidos as cadeias honremos» (109). Abaixo o czarismo sanguinário! Abaixo a propriedade fundiária dos nobres! Abaixo a tirania dos patrões nas fábricas, nas oficinas, nas minas! A terra aos camponeses! A jornada de oito horas para os operários! A república democrática para todos os cidadãos da Rússia!

Eis o que devem além disso proclamar hoje os operários russos.

Mentem os liberais russos e rojam-se aos pés do último Nicolau, afirmando a si próprios e aos outros que o czarismo se reforçou na Rússia e é capaz de satisfazer às necessidades fundamentais do povo.

Mentem os liberais russos e comportam-se como farséis, cantando, em todos os tons, que a revolução morreu e que vivemos num regime «renovado».

Olhai em redor: talvez que a Rússia martirizada se assemelhe a um país «renovado», «bem organizado»?

Ao invés de uma Constituição democrática, o regime das forças e do feroz arbítrio!

Ao invés do parlamento popular, a Duma negra da negra nobreza fundiária!

Ao invés das «bases intangíveis da liberdade civil», ao invés da liberdade de palavra, de reunião, de imprensa, de associação e de greve, prometidas já no manifesto de 17 de outubro, o quante do «arbítrio» e das «repressões», a supressão dos jornais, a deportação dos redatores, a destruição dos sindicatos, a dissolução das reuniões!

Ao invés da inviolabilidade da pessoa, pancadas nos cárceres, insultos aos cidadãos, repressão sangrenta contra os grevistas da mina de ouro do Lena!

Ao invés da satisfação das necessidades dos camponeses, uma política de ulterior espoliação das massas camponesas!

Ao invés de uma administração estatal bem regulada, furtos nas intendenções, furtos nas direções das ferrovias, furtos na administração florestal, furtos no departamento marítimo!

Ao invés da ordem e da disciplina no mecanismo governamental, falsificações nos tribunais, chantagens e concussões na polícia, homicídios e provocações nas seções da «Okhrana»!

Ao invés da grandeza do Estado russo no campo internacional, vergonhoso malogro da «política» russa nos assuntos do Médio e do Extremo Oriente, carnificina e devastação em detrimento da Pérsia ensanguentada!

Ao invés da tranquilidade e prosperidade dos cidadãos, os suicídios nas cidades e a penúria terrível que se abateu sobre 30 milhões de camponeses nos campos!

Ao invés do saneamento e da purificação dos costumes, depravação inaudita nos mosteiros, as cidadelas da moral burguesa!

E para coroamento desse quadro, a feroz fuzilaria contra centenas de trabalhadores nas minas do Lena!...

Os destruidores das liberdades conquistadas, os exaltadores das forças e das fuzilarias, os autores dos «arbítrios» e das «repressões», os intendentes ladrões, os engenheiros ladrões, os policiais piratas, os esbirros assassinos, os Rasputin depravados: ei-los, os «renovadores» da Rússia!

E ainda existem no mundo indivíduos que ousam afirmar que na Rússia tudo vai bem, que a revolução morreu! Não, camaradas, num país onde milhões de camponeses estão famintos e se fuzilam operários porque estão em greve, aí viverá a revolução até que o czarismo russo, essa vergonha da humanidade, seja apagado da face da terra.

E nós devemos dizer hoje, no dia do Primeiro de Maio, de uma forma ou de outra, nos comícios, nas festas coletivas ou nas reuniões ilegais — conforme a oportunidade — que juramos lutar pela derrubada total da monarquia czarista, que saudamos a próxima revolução russa, libertadora da Rússia!

Estendamos, pois, a mão aos nossos camaradas estrangeiros e com eles brademos:

- Abaixo o capitalismo!
- Viva o socialismo!
- Desfraldemos a bandeira da revolução russa e escrevamos sobre ela:
- Abaixo a monarquia czarista!
- Viva a república democrática!
- Camaradas, festejemos hoje o Primeiro de Maio!
- Viva o Primeiro de Maio!
- Viva a social-democracia internacional!
- Viva o Partido Operário Social-Democrata da Rússia!
- O Comitê Central do P.O.S.D.R.

Publicado em manifesto. Abril de 1912. (*) Transcrito do segundo volume das «Obras Completas» de J. Stálin, pgs. 210 a 215. Editorial Vitória, Rio.

Estudar os informes de Prestes e Arruda, tarefa imediata e fundamental

Os comunistas e todos os elementos progressistas da sociedade brasileira receberam com grande alegria e entusiasmo os informes de Luiz Carlos Prestes e Diógenes Arruda, apresentados à última reunião do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil e há dias publicados nas páginas dos jornais democráticos.



Com esses materiais, todos os elementos de vanguarda das forças patrióticas da Nação ficaram melhor capacitados para orientar o crescente descontentamento popular contra Vargas e seus patrões americanos e as lutas cada vez mais amplas das massas; para mobilizar, organizar e levantar milhões contra a opressão imperialista, contra a política de guerra e traição nacional de Vargas, em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional.

O informe de Luiz Carlos Prestes — «O XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as tarefas do nosso Partido» —, bem como o informe de Diógenes Arruda — «Forjemos o nosso Partido à imagem e semelhança do Partido de Lênin e Stálin» — são documentos destinados a influir poderosamente nos destinos do país. Sua enorme importância reside em que absorvem e aplicam magistralmente ao Brasil as lições do XIX Congresso do Partido dos Comunistas e os últimos ensinamentos do estremecido mestre, guia genial e chefe reconhecido do movimento comunista mundial e de toda a humanidade progressista, Iósif Vissariónovitch Stálin. Por isso mesmo, o informe do camarada Prestes contém uma série de novas e valiosas contribuições para a justa compreensão dos problemas políticos brasileiros.

Três questões políticas essenciais foram claramente iluminadas pelo informe do camarada Prestes: a questão da luta pela paz, a da luta pelas liberdades democráticas e a da luta pela independência nacional.

Aplicando ao Brasil os ensinamentos stalinistas sobre a desorganização do imperialismo, sobre o aguçamento das contradições inter-imperialistas, Prestes nos ensina a valorizar devidamente a luta dos monopólios imperialistas de diversos países pelo mercado brasileiro, e demonstra que na luta pela paz os trabalhadores podem e devem encontrar aliados até mesmo em setores da burguesia, dos produtores agrícolas e pecuaros que se voltam contra o imperialismo americano buscando apoio em outros países capitalistas. Compreensão justa e fundamentada de modo novo e muito mais profundo a luta pela ampliação do movimento em defesa da paz.

Combatendo as tendências errôneas que têm se manifestado nas fileiras do Partido em torno da luta pela paz, o camarada Prestes volta o gume de sua crítica contra a falsa compreensão do caráter e dos objetivos do atual movimento pela paz. Especialmente contra a tendência que se expressava pela impetuosidade de que uramos pela paz porque lutamos pelo poder. Criticando-a, Prestes afirma: «Lutamos pela paz não, e muitas vezes, porque somos democratas, porque defendemos a vida e os direitos do povo, e a guerra significa maior miséria, mais opressão e morte para o povo brasileiro».

A questão da luta pelas liberdades democráticas e pela independência nacional é elevada a um novo nível pelo camarada Prestes. A bandeira das liberdades e da independência nacional foi jogada fora pela burguesia, só os Comunistas podem reerguê-la e devem fazê-lo, se querem ser patriotas de seus países e agrupar em torno de si toda a Nação — esse o testamento político do grande Stálin. Em seu informe, analisando criticamente nossa luta pelas liberdades e pela independência nacional, o camarada Prestes arma o Partido e todos os patriotas para se alçarem com mais decisão nestas frentes decisivas de luta.

A luz dos ensinamentos do XIX Congresso ganham nova força as questões do Partido, de sua construção e fortalecimento constantes. Nunca entre nós foi tão justamente avaliada a questão do papel do Partido como quando os camaradas Prestes e Diógenes Arruda nos ensinam que «O PARTIDO É TUDO». Os informes deixam inteiramente claro que o reforçamento qualitativo e quantitativo do Partido é a questão decisiva na cadeia de processos, e indicam com firmeza tudo o que é necessário fazer para realizar esta tarefa.

É fácil compreender que documentos de tamanha força orientadora e mobilizadora, levados às massas e aplicados firmemente nas lutas das massas, darão um impulso nunca visto à luta de nosso povo pela paz, pelo pão, pela terra, as liberdades democráticas, a independência nacional e por um governo democrático-popular.

Para tanto é indispensável o estudo cuidadoso e profundo dos informes dos camaradas Prestes e Arruda, a fim de que rapidamente nos capacitemos para manejar essas poderosas armas que o Partido de Prestes coloca nas mãos do povo brasileiro.

A Homenagem a Stálin e o Primeiro de Maio

Neste Primeiro de Maio, milhares e milhares de patriotas, em todo o país, aproveitarão a data internacional da fraternidade operária para homenagear a memória sagrada e imortal do grande Stálin. Este será o primeiro ano em que teremos um Primeiro de Maio sem Stálin, o construtor das vitórias dos povos contra seus opressores no mundo inteiro, o gigante que traçou o caminho pelo qual segue e seguirá a humanidade.

Mas se Stálin não estará mais na tribuna da Praça Vermelha, em Moscou, para onde se voltaram e continuam se voltando neste dia as atenções de milhões de seres humanos, estão vivas, porque são eternas, sua obra grandiosa, seus sábios e geniais ensinamentos. E no Primeiro de Maio a lembrança de Stálin, o mais próximo e o mais querido dos amigos, está mais viva do que nunca em todos os corações. Por isso, é também o dia da intensificação da coleta de assinaturas da HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO AO GRANDE STALIN.

Operários de diversas empresas, em todo o país e especialmente em São Paulo, organizam a coleta de assinaturas em grande escala. A emulação fraternal impulsiona suas iniciativas. Aumenta a procura de listas nas redações dos jornais populares e nas sucursais da VOZ OPERÁRIA.

Nos bairros operários, onde se multiplicam as reuniões festivas em comemoração ao Primeiro de Maio, mais e mais assinaturas serão colhidas e dezenas e centenas de novas listas serão distribuídas entre homens e mulheres do povo.

Ao ensejo da data do Trabalho, portanto, intensifica-se a realização das tarefas honrosas ligadas à HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO AO GRANDE STALIN. Centenas de milhares de assinaturas serão assim rapidamente reunidas. Uma vez carinhosamente encadernadas seguirão para o Soviét de Moscou como testemunho do amor e da gratidão eterna de nosso povo ao seu maior amigo — Ióssif Vissarionóvitch Stálin.

Meu abraço fraternal de profunda máguia

Com a morte do nosso querido amigo, o campeão da Paz, José Stálin, por certo os amigos da VOZ OPERÁRIA, como todos nós, estarão com os seus corações tristes por essa irreparável perda que sofremos. Não posso deixar de enviar a todos os camaradas que labutam nas oficinas e na redação do nosso querido semanário o

meu abraço fraternal de profunda máguia.

Desejo a todos, bastante firmeza e maior coesão em torno não só daqueles que nos norteiam mas, principalmente, aproveitando o máximo possível de ensinamentos que nos deixou Stálin.

(A.) Cauby de Castro. Julho de Mesquita — B. Paulo.

O Povo Chora a Morte de Stálin

Recrutemos para o Partido

Recebemos com alegria e satisfação a Carta Aberta do Partido em honra ao querido camarada Stálin, que nos alerta e nos estimula a fortalecer as nossas fileiras.

A lacuna deixada pelo camarada Stálin deve e pode ser preenchida não só pela elevação do nível político dos militantes como também pelo recrutamento de novos milhares de membros para o Partido.

Milhões de brasileiros confiam em nosso Partido para a solução dos seus problemas pela conquista de uma vida melhor. Quantos e quantos, eu sinto, que desejam entrar nas taras ao nosso lado. Precisamos fileiras de nosso Partido, lutar ao encontro deles porque eles nos esperam.

Como prova do que falo, vou citar algumas expressões pronunciadas numa reunião de recrutamento, em que alguns camponeses entraram no Partido. Um disse: «Lamento não ter encontrado o Partido há mais tempo, porque a esta hora eu já estaria esclarecido sobre a necessidade de lutar contra esse regime». Outro dizia: «Tenho certeza de que os meus filhos não serão escravos dos fazendeiros, como fui eu». Todos, todos se sentiram felizes por haverem entrado no Partido.

Depende de nós, o fortalecimento do Partido. Precisamos recrutar mais trabalhadores para o Partido torná-lo à altura das necessidades de nosso povo, capaz de dirigir a revolução, deslocar nossa Pátria do campo do imperialismo para o campo da paz.

TEU NOME FAZ TREMER OS TIRANOS

Stálin, homem de aço tão puro e tão bom... A verdade sempre foi teu lema, lição que deste ao pobre, imortal és e serás ninguém pode duvidar.

Joaquim Pereira. Alta Paulista — 15-3-53.

TEU NOME FAZ TREMER OS TIRANOS

Stálin, homem de aço tão puro e tão bom... A verdade sempre foi teu lema, lição que deste ao pobre, imortal és e serás ninguém pode duvidar.

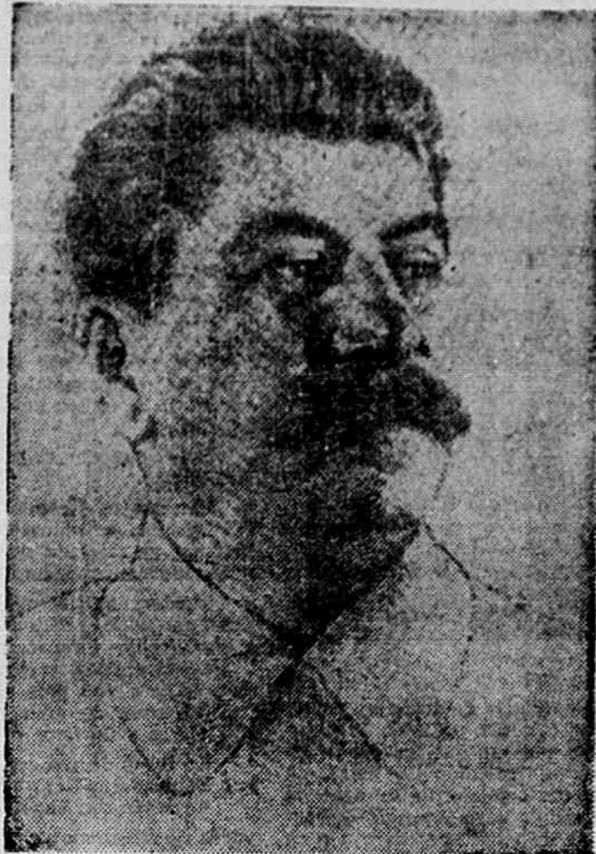
Stálin teu nome faz tremer os tiranos.

mas dos trabalhadores e sua libertação e justiça. E por isso tua morte não sentimos de verdade.

Stálin terá a glória; seus companheiros também, há de seguir seus conselhos, lições e ensinamentos.

Imortal Stálin ninguém pode te esquecer.

FRANCISCO NASCIMENTO Mandua, 1953.



do mundo inteiro, conduzirão a humanidade para a completa felicidade, para o futuro radioso do Comunismo.

Choramos a morte do nosso amigo e companheiro porque ele encarnava a luta pela paz, pela independência nacional dos povos oprimidos pelo imperialismo, levando-nos a conquistar o Socialismo que todos almejamos.

Não se podia falar na luta contra o envio de jovens brasileiros para a Coreia sem que nos lembrássemos do grande Stálin; não se falava nas lutas do povo brasileiro, nas lutas por melhores condições de vida, sem citar Stálin. Uma camponesa disse-me no dia que morreu esse grande gênio da humanidade: — «Parece que se trata de alguém da família da gente, pois, já estamos tão acostumados, com Stálin!» Semelhante a essa expressão, sucederam-se milhões de outras em toda parte.

Sim, perdemos o camarada Stálin, o maior cérebro que a humanidade já produziu mas, temos um meio para reverenciar a memória do grande companheiro, levar para diante a grande causa por que ele deu toda a sua vida; a causa dos trabalhadores. Lutando, como ele lutou, nas fileiras do Partido dos trabalhadores. Cabe-nos, portanto, a grandiosa tarefa de fortalecer continuamente o glorioso Partido Comunista do Brasil que tem a frente o grande Prestes fiel discípulo de Stálin.

Enviando ao C.C. do P.C.U.S. e ao Soviet Supremo da URSS as nossas condolências pela morte de Stálin, convidando nossos parentes, amigos, companheiros de trabalho e colegas da escola para ingressar no PCB, cerrando fileiras na luta por melhores salários, por melhores preços para o algodão e demais produtos dos camponeses, por melhores contratos para os colonos e pela Paz, estaremos honrando também a memória de Stálin.

MARCOS VIEIRA Araçatuba — E. de S. Paulo

Stálin nossa estrela-guia Parece alguém da família da gente!

Quero homenagear a esta grande figura que foi, e será eternamente o grande Stálin! Stálin foi na terra o grande campeão da Paz, um grande amigo do povo brasileiro. Quando ele adoeceu, eu pedi a Deus, de todo o meu coração que fosse recuperada a sua saúde. Imaginava o que seria de nós brasileiros, de todos os povos oprimidos com a sua falta.

Entretanto, morreu Stálin mas ele foi e será sempre a estrela guia em todo o mundo a conduzir os povos pelo caminho da liberdade e da independência de suas pátrias.

Ao ouvir pelo rádio uma transmissão do momento de sua passagem para o mundo espiritual, crei do fundo do meu coração uma fervorosa prece pela sua alma.

Monte Aprazível, 6-4-53. — a) Felício Gomes.

ACABA DE SAIR! PROBLEMAS

UMA REVISTA A SERVIÇO DO POVO

JÁ ESTÁ À VENDA O N.º 43

Apenas Cr\$ 3,00

Procurar nas bancas ou na Redação

AV. RIO BRANCO, 257 — 6.º ANDAR — SALA 615

CRÔNICA INTERNACIONAL

A Luz da Verdade sobre o discurso de Eisenhower

O general Eisenhower pronunciou um discurso da maior importância no dia 16 de abril. Nesse discurso, apresentado como um apelo de paz à União Soviética e às Democracias Populares, o presidente dos Estados Unidos usou de termos acentuadamente mais moderados do que os usualmente empregados pelos homens de Estado norte-americanos. Deve-se assinalar, portanto, que a força unida de todos os povos amantes da paz, cimentada pelo poderio e a firmeza política da União Soviética, fez com que o general-presidente se sentisse na obrigação de dar uma satisfação aos povos.

Entretanto, não se pode deixar de sentir nesse discurso a influência decisiva da mão que traçou a mensagem sobre o Estado da União, primeira peça oficial de Eisenhower como presidente, que é um programa desabusado da conquista do mundo pelos monopólios dos Estados Unidos.

Recentemente a «PRAVDA» («A Verdade») comentou longamente o discurso de dia 16 de fevereiro. E, ao fazê-lo, revelou à luz do dia os pontos positivos que ele pode apresentar

e as nebulosidades onde se esconde a falta de sinceridade.

Como demonstra a «PRAVDA», o ponto principal do discurso é aquele em que se aborda a política americana em relação à União Soviética. Então, Eisenhower pôs em dúvida a sinceridade de paz da União Soviética e declarou que somente os fatos poderão atestar essa sinceridade. Ora, justamente, os fatos, como diz a «PRAVDA», são o melhor testemunho de um desejo constante e sincero de manter a paz por parte do povo e dos dirigentes soviéticos. São fatos a não intervenção soviética na guerra da Coreia e suas propostas concretas para a consecução de um armistício honroso. São fatos as posições soviéticas a respeito do problema alemão, equacionado por ela estritamente nos termos dos acordos de Potsdam, solenemente firmados pelo governo norte-americano. E' igualmente um fato que a União So-

viética propõe um tratado de paz para o Japão, garantindo-lhe a independência e a vida democrática, e recusando o «diktat» que os homens do Pentágono impuseram ao povo nipônico. E' um fato que a URSS é a única das grandes potências a respeitar a Carta da ONU, defendendo obstinadamente o direito de a China ocupar o lugar que lhe compete no Conselho de Segurança. E não serão, por acaso, fatos as propostas soviéticas em prol do desarmamento, da interdição da guerra bacteriológica e atômica, e de um Pacto de Paz entre as grandes potências?

Sem dúvida tudo isso são fatos. E, como não podia deixar de ser, esses fatos correspondem à política de paz e de segurança dos povos claramente proclamada pelos governantes da URSS, desde o primeiro dia de sua existência. A URSS não tem duas caras e por isso suas palavras correspondem aos seus atos.

Mas o mesmo não se pode dizer dos diri-

gentes do campo imperialista. Como assinála a «PRAVDA», Eisenhower além de insinceramente pôr em dúvida a política de paz soviética, preferiu não abordar problemas tão importantes como o da República Popular da China e os seus direitos inalienáveis sobre a ilha de Taiwan; preferiu não encaminhar de maneira justa a questão da Coreia e da Alemanha. «A declaração de Eisenhower não se baseia pois em atos», destaca muito justamente a «PRAVDA».

Entretanto, para dar-lhe essa base, o general Eisenhower tem a seu dispor um processo simples: basta-lhe aceitar o convite que mais uma vez lhe dirigem os homens soviéticos, no sentido de se iniciarem negociações sobre os principais problemas internacionais em litígio. Para essas questões não há solução impossível desde que haja desejo mútuo de colaborar, respeito aos compromissos assumidos e a convicção de que a linguagem de «ultimatum», tão do gosto de Mister Foster Dulles, pode ser boa para a propaganda da guerra, mas desastrosa e desatada quando se fala em paz.



1.º de Maio, Dia da Fraternidade Dos Operários de Todos os Países!

Apelos do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética

Em relação com as festas de Primeiro de Maio, dia da solidariedade dos trabalhadores, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética dirigiu os seguintes apê-
los aos trabalhadores da URSS e aos povos de todos os países:

«Viva o Primeiro de Maio, jornada de solidariedade internacional dos trabalhadores, dia da fraternidade dos operários de todos os países! Erguei cada vez com mais ardor a bandeira do internacionalismo proletário!

Viva a Paz entre os povos! Não há questões pendentes que não possam ser resolvidas por meios pacíficos à base do acôrdo mútuo entre os países interessados. Trabalhadores de todos os países: «A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim.» Fortalecei a unidade dos povos na luta pela paz! Multiplicai e reforçai as fileiras dos partidários da paz!

Saudação fraternal aos trabalhadores dos países da democracia popular que constroem com êxito o socialismo. Que viva e se fortaleça a inquebrantável amizade e colaboração entre os países da democracia popular e a URSS!

Saudação fraternal ao grande povo chinês que alcança novos êxitos na construção do poderoso Estado democrático popular chinês. Que se fortaleça e prospere a grande amizade entre a República Popular da China e a URSS, sólido baluarte da paz e da segurança no Extremo Oriente e em todo o mundo!

Saudação fraternal ao heroico povo coreano que luta pela liberdade e independência de sua pátria!

Saudação ao povo alemão que luta pela mais rápida conclusão do tratado de paz e pela criação duma Alemanha unida, democrática, independente e amante da paz!

Saudação ao povo japonês que luta valentemente pelo ressurgimento nacional, por um Japão independente, democrático e amante da paz!

Saudação fraternal aos povos dos países coloniais e dependentes que lutam contra a opressão imperialista, pela liberdade e a independência nacional!

Viva a amizade dos povos da Inglaterra, dos Estados Unidos e da URSS em sua luta para conjurar a guerra e assegurar uma paz sólida no mundo inteiro!

Viva a política externa da URSS, inquebrantável política de manutenção e consolidação da paz, de luta contra os preparativos e desencadeamento de uma nova guerra mundial, política de colaboração internacional e de desenvolvimento de relações práticas com todos os países!

Saudação fraternal a todos os povos que lutam pela paz, pela democracia, pelo socialismo, contra os ateadores duma nova guerra!»

O Comitê Central do Partido Comunista da URSS exorta os trabalhadores da URSS a unirem-se mais estreitamente ainda em torno do Partido Comunista e do governo soviético, a mobilizar todos os seus esforços e energias criadoras para a grande causa da construção do comunismo na URSS

«Viva a unidade inquebrantável do Partido Comunista, do governo e do povo soviético!» — «dizem os apêlos do Comitê Central do Partido Comunista da URSS

O Comitê Central do Partido Comunista da URSS exorta os trabalhadores da URSS a reforçarem a aliança inquebrantável da classe operária e do campesinato colcosiano, a reforçarem a amizade fraternal dos povos da URSS, a reforçarem a inquebrantável unidade do grande Estado multinacional soviético.

Um dos apêlos do Comitê Central do Partido Comunista da URSS diz:

«Os direitos dos cidadãos soviéticos assegurados pela nossa Constituição são inalienáveis e são respeitados pelo governo soviético como sagrados. Viva a Constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas!»

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, dirigindo-se aos operários, camponeses e intelectuais do país soviético, exorta-os a lutar para que seja cumprido e ultrapassado o V Plano Quinquenal, pelo aumento contínuo do bem-estar material e cultural do povo soviético

Dirigindo-se aos trabalhadores da agricultura, o Comitê Central do Partido Comunista da URSS exorta-os a conseguir a elevação do rendimento de todos os cultivos agrícolas a lutar pela ampliação da agricultura, pela criação da abundância na produção agrícola e pelo aumento da renda dos colcosianos.

Dirigindo-se aos trabalhadores da literatura e da arte o Comitê Central do Partido Comunista da URSS exorta-os a criarem obras dignas do grande povo soviético.

Concluindo o Comitê Central do Partido Comunista da URSS diz:

«Viva a grande União Soviética, baluarte da amizade e glória do nosso país, inquebrantável baluarte da paz no mundo inteiro!

Viva o Partido Comunista da União Soviética, grande força dirigente e orientadora do povo soviético na luta pela construção do comunismo!

Sob a bandeira de Lênin e Stálin, avante para a vitória do comunismo!»

5

A Classe Operária Empunha a Bandeira de Luta e Vitória

As lutas dos sapateiros e têxteis cariocas, dos têxteis de Pernambuco, dos trabalhadores gaúchos e a grandiosa greve de São Paulo formam a constelação de estrelas de primeira grandeza entre centenas de outras



Grandiosas assembleias de milhares e milhares de metalúrgicos, têxteis e marceneiros foram realizadas em seus quartéis-generais nos dias da vitoriosa greve dos trabalhadores de São Paulo.

O combativo proletariado brasileiro com suas duras e grandiosas lutas adquiriu o direito e a honra de dizer a seus irmãos e companheiros do mundo inteiro neste Primeiro de Maio de 1953:

— Avancamos, camaradas. Aqui estamos com nossa experiência de luta enriquecida, com mais organização do que há um ano atrás. Sentimo-nos felizes por termos podido contribuir para o progresso da nossa causa sagrada, a causa da emancipação da classe operária. Festejemos nesta data gloriosa a vitória que já se divisa, que todos juntos conquistaremos.

Sim, o proletariado brasileiro avançou. Grandes batalhas de classe assinaram este ano transcorrido entre um e outro Primeiro de Maio como um ano de crescente reforçamento da organização e de amadurecimento político da classe operária em nosso país.

Mais importantes ainda do que as reivindicações imediatas conquistadas em memoráveis combates são os resultados permanentes dessas lutas. Delas a classe operária saiu mais unida e organizada. A primeira característica que salta à vista é que as demonstrações e as greves mais destacadas e que foram a nota dominante se fizeram sob a bandeira dos sindicatos. Passo a passo, embora muito ainda

GREVES GERAIS CONTRA A CARESTIA NO RIO G. DO SUL

As bravas ações do povo e do proletariado gaúchos, em agosto de 1952, despertaram emoção e entusiasmo em todo o país. A União Estadual Pela Paz e Contra a Carestia programou manifestações populares enquanto tranviários e metalúrgicos, mais de 15.000 trabalhadores, exigiram aumento de salário e se preparavam para a greve. O bando de grandes fazendeiros chefes por Getúlio e sua família desafiou a ira do povo com um novo e escorchante aumento do preço da carne. Uma grande concentração em frente à Câmara Municipal iniciou as demonstrações de rua. 16 Sindicatos unem-se na luta contra a carestia e por aumento de salários. A União Estadual

Pela Paz e Contra a Carestia ramifica-se por todo o Estado. O governo não se dá conta de que a greve continua e arranca a rebaixa geral de 20% em todos os preços. Na cidade interior de São Leopoldo, o povo clama nos comícios: «Viva a Paz, «Abaixo a carestia». As faixas que desfilam em Porto Alegre bradam: «Não queremos promessas, queremos a rebaixa da carne», «Abaixo o Acordo Militar, nenhum soldado brasileiro para a Coreia». A chama da luta se ergue entre os mineiros de São Jerônimo, onde a assembleia do Sindicato é atacada a bala.

Os principais centros do Estado estão em movimento sob a direção da classe operária. A luta por aumento de

restes a fazer, os sindicatos vão sendo arrebatados às mãos dos pelegos, vão sendo libertados do gigante policial do Ministério do Trabalho.

A classe operária vem fazendo de suas lutas a brigada de choque da luta das massas populares contra a carestia da vida, essa consequência direta da política de guerra do governo. E demonstra praticamente que os interesses da classe operária se fundem com os interesses da maioria esmagadora do povo, que os interesses de classe da grande burguesia são contrários aos interesses do povo. E é o que caracterizou, por exemplo, as grandes lutas do Rio G. do Sul e de S. Paulo.

Na luta por seus direitos, contra a miséria e os salários de fome unem-se os sindicatos numa frente comum. 16 sindicatos unidos formaram a espinha dorsal do movimento de massas contra a carestia em Porto Alegre. O pacto inter-sindical, unificando as reivindicações e baseado no compromisso de não se fazer acordo em separado, fundiu numa só greve geral as greves dos têxteis, metalúrgicos, marceneiros e vidreiros de São Paulo. Esta característica da maior greve de nossa história revela o amadurecimento político do proletariado.

As lutas dos sapateiros e têxteis cariocas, dos têxteis de Pernambuco, dos trabalhadores gaúchos e a grandiosa greve de São Paulo formam a constelação de estrelas de primeira grandeza entre centenas e centenas de outras.

GREVE GERAL TEXTIL EM PERNAMBUCO

Numerosas lutas parciais, assembleias, sindicais e de empresa e pequenas demonstrações prepararam a grande greve geral dos têxteis pernambucanos em novembro de 1952. Essa greve realizada sob a bandeira do sindicato abalou todo o nordeste e repercutiu no país inteiro.

Essa greve representa um sério passo à frente não só pela grande vitória alcançada,

mas como exemplo de conquista do sindicato, que era controlado pelo advogado getulista Acilberto Guerra. Ele era o único a falar nas assembleias e assim afastava os operários do sindicato. «Não façam aglomerações», dizia. Mas os trabalhadores atencaram à palavra de ordem da sua vanguarda: «Todos ao sindicato, para pô-lo a serviço dos trabalhadores». E quando 10.000 têxteis reuniram-se no Teatro Almare já não havia ninguém capaz de impedir-lhes de decidir livremente. Então um operário da Fábrica Yolanda declarou em alta voz: — A fábrica que represento já está em greve!

Também estava em greve a fábrica da cidade do Cabo A decisão foi tomada entusiasticamente e unanimemente — greve geral.

A luta atingiu um novo nível de organização. 1.250 homens funcionaram no trabalho de agitação, nos piquetes, nas comissões de finanças, de segurança e autodefesa, de solidariedade. 300 operários especializados foram levados por seus companheiros para lutar seguro para não serem forçados a trabalhar pela polícia. Os vigias da fábrica da Torre levaram as chaves para casa. Em Moreno os grevistas tomaram a cidade e cortaram a água e a luz da casa do gerente da fábrica. Um impressionante movimento de solidariedade apoiou a greve, desde os demais sindicatos até a Liga Camponesa de Iputinga.

Ante a ameaça de greve geral com a adesão de portuários estivadores e bancários os patrões cederam. A reação

de não pode mais tirar o sindicato das mãos dos trabalhadores. Getúlio tentou intervir no sindicato dos têxteis e depôs a diretoria por sua presidência. Wilson de Barros Leal, articulou do Congresso do PTAL como delegado dos tra-

balhadores pernambucanos. A resposta dos operários foi a intervenção será o sinal para a greve Getúlio recuou, foi derrotado. O sindicato é dos trabalhadores. Prevaleceu o direito da solidariedade proletária internacional.

SAPATEIROS E TEXTEIS CARIOCAS

Em fins de novembro de 1952, 30.000 trabalhadores em sapatos e artefatos de couro entraram em greve por aumento de salário. A reação esbarrou na unidade operária e foi derrotada. O aumento foi conquistado. A luta foi levada à vitória sob a bandeira do sindicato do qual os operários estavam afastados antes da greve porque a diretoria não lhes merecia confiança devido à sua inatidão. Eleita uma comissão de salários, esta se lançou ao trabalho de organização de comissões de empresa em assembleias dos operários de cada fábrica na sede do sindicato. A experiência demonstrou que os trabalhadores vão lutando à luta e sentem abalados pela força da organização. Em pouco tempo foram organizadas 38 comissões de empresa. Quando a greve estourou os sapateiros desfilaram sob o lema: «Luz, pão e trabalho», «Abaixo a carestia».

Grandes experiências e uma tra perniciosa para o desenvolvimento ulterior da luta da classe operária trouxe a greve dos têxteis cariocas, a vitória imediata da rebaixa de 60% de aumento. A 4 de dezembro de 1952, quinze mil têxteis abandonaram as fábricas para obter a resolução do T.S.T. para o qual tinham recorrido os patrões. Estes queriam diminuir o aumento de 60% que já tinham conquistado no R.T. O aumento foi redu-

zido para 42% sobre os salários de 1948. O presidente do sindicato, Francisco Rodrigues Gonçalo, exclamou para os juizes patronais:

— Esta justiça está vendida aos patrões!

Um grande desfile operário empolgou a capital do país. Uma delegação de mil têxteis foi à Câmara entregar um memorial contra o acordo militar. No sindicato a assembleia decretou a greve que seria a maior greve no Distrito Federal nos últimos tempos.

Esta dura luta já anunciava a magnífica experiência dos quartéis-generais dos grevistas de São Paulo. A assembleia permanente do sindicato era a sede dum intenso e constante trabalho. A vigilância proletária interditou o local aos policiais muitos dos quais foram escorraçados. Os piquetes realizaram um grande trabalho e pagaram com a vida de um de seus líderes, o jovem operário Altair de Paula Rosa, o tributo de sangue imposto pelo governo assassino de Vargas. A greve dos têxteis despertou um caloroso movimento de solidariedade em todo o país. Elevou a um nível mais alto a unidade operária. Sapateiros, metalúrgicos, alfaiates, portuários, aeroviários, hotelários, trabalhadores da Light arrecadavam ajuda aos grevistas. Assembleias sindicais reuniram-se para apoiar. Delegações de São Paulo vieram ao encontro dos têxteis em greve.

SALÁRIO É COM O PATRÃO! CARESTIA É COM O GOVERNO!

As grandes greves de São Paulo significaram centenas de milhares de operários de diversos e importantes setores da produção — têxteis, metalúrgicos, marceneiros, vidreiros, gráficos, etc. — revelaram o poder crescente da classe operária em nosso país, abalaram as bases do atual Estado feudal-burguês, diz o Manifesto de Primeiro de Maio do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil.

Mais adiante diz o importante documento C. N. do P. C. B.: «As grandes greves de São Paulo revelaram o papel dirigente da classe operária, a sua imensa força unificadora, colocaram definitivamente a classe operária na sua justa posição de dirigente de todo o povo brasileiro na sua luta histórica pela paz, as liberdades e a independência nacional. Desta posição nenhuma força a poderá mais arrancar».

Estas palavras simples, justas e clarividas caracterizam a grande greve geral de setores inteiros da produção no maior centro industrial da América Latina e dão a medida exata da sua enorme importância, que ela significa para o futuro do movimento operário e de todo o povo brasileiro. Alçando diretamente cerca de um milhão e meio de pessoas, as greves de São Paulo foram uma grande escola de direção para a luta de grandes massas, fizeram surgir numerosos líderes novos, elevaram o nível político dos trabalhadores. «Salário é com o patrão! Carestia é com o governo!» — diziam os operários.



As Comissões de piquetes funcionaram incessantemente durante as vibrantes greves que abalaram S. Paulo.

Com estas palavras os operários sintetizavam os objetivos econômicos e políticos da grandiosa luta. O aumento de salário tem de sair do lucro dos patrões, dos grandes tubarões. A luta contra a carestia é uma luta política, contra o governo, contra o regime que só pode dar miséria e fome para o povo.

Dessa forma, a greve apresentou claramente aos olhos das massas populares a vanguarda combativa de sua luta contra a miséria. E ficou clara a perspectiva do prosseguimento e do desenvolvimento ulterior da luta. Pois as massas sabem que os salários tendem a ser anulados pela ganância dos patrões, pela criminalidade política de guerra que tira o pão da boca do povo para comprar armamentos.

A grandiosa passeata dos têxteis cariocas que precedeu a greve de 30 mil operários que empolgou o povo do Distrito Federal durante 51 dias.

Praça da Sé, porteiros da Mooca, Lapa, Osasco... A firmeza dos grevistas derrotou politicamente o governo, desmascarou sua justiça. A greve continuou mesmo depois da conquista dos 32%, pelo pagamento dos dias de greve, pela libertação dos presos. A mesma justiça que tinha negado o habeas corpus foi forçada a voltar atrás e mandar abrir os carcereiros onde o governo pretendia punir o direito de greve. A greve tornou-se legal por imposição dos trabalhadores. Sob a pressão tremenda da classe operária, a «justiça» do Trabalho, que queria salvar as aparências em favor dos patrões e do governo, apressou-se como nunca, julgando os dissídios pedidos pelo governo (ex-ofício) uma cin seguida do outro. E que

havia o pacto intersindical separado. Aumento simultâneo para todos, juntos em greve, juntos na fábrica, era o lema. E as classes exploradoras tiveram que se curvar. De agora em diante a experiência política e organizativa da greve de São Paulo irradiava sua luz pelo país inteiro e terá que ser tomada em conta em todas as lutas da classe operária, como um grande exemplo e sua maior e mais rica experiência de combate.

Entre um e outro Primeiro de Maio foi considerável o ascenso das lutas da classe operária, o reforçamento de sua unidade e organização. O proletariado ocupa o seu posto de núcleo fundamental da Frente Democrática de Libertação Nacional.



O herói popular Antônio Rechia, um dos sobreviventes da chacina de Primeiro de Maio de 1950 em Rio Grande, proferindo um discurso em que declara: «Só um Governo Democrático Popular atenderá os interesses do povo».

7
paf. central

Experiências da greve de São Paulo:

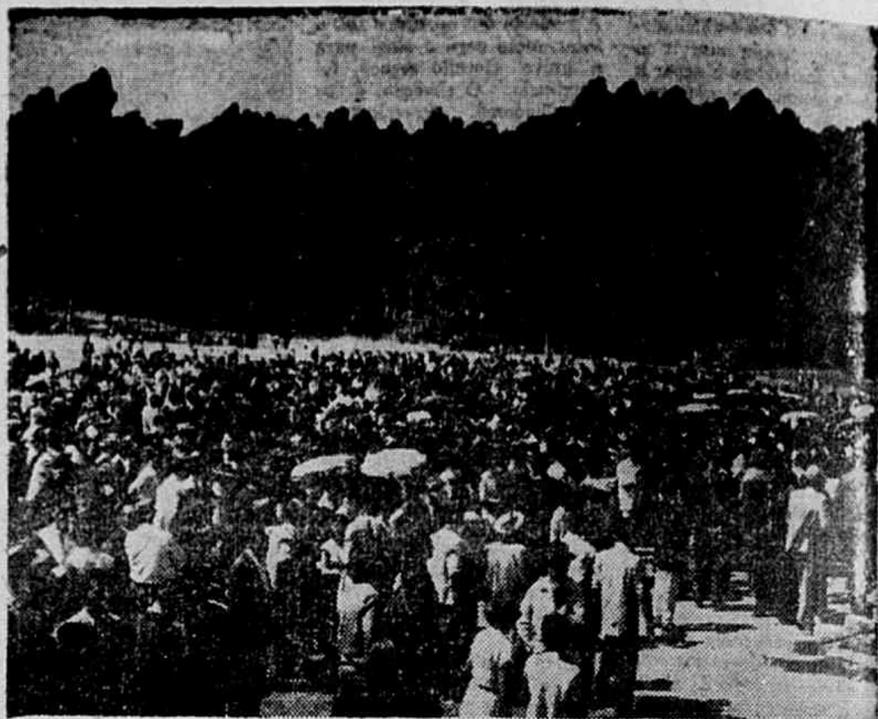
OS QUARTEIS GENERAIS, CENTROS DE Comando e Organização da Greve

Os operários de cada fábrica paralisam o trabalho em seu quartel-general. Alguns vão desfilando em passeatas, outros em grupos, havia os que se encontravam individualmente para o centro de comando e organização da luta. No Quartel-geral a assembleia da fábrica

discute os acontecimentos através da palavra ordenada dos operários. Eles falam com eloquência, sentem-se à vontade, aquela capa é dócil, ali há liberdade. A primeira lição para quem chega ao Q.G. é a vigilância de classe. Na entrada os operários exibiam com alegria sua carteira profissional. Quem não é operário não

entra. Não há lugar para policiais.

Os comitês desorientam toda a perspectiva de luta. É preciso organizar os piquetes e não os furões. É preciso parar outras fábricas. No Q.G. já existe uma comissão de piquetes, ela ajuda a orientar e a organizar o trabalho. Não se pode deixar os companheiros presos nas garras dos assassinos policiais, deve-se atender suas famílias. No Q.G. funciona uma comissão de solidariedade para tratar de tudo isso, para ajudar em tudo. Agora é indispensável conseguir dinheiro para custear as despesas da luta. Para isso o Q.G. organizou uma comissão de finanças que já imprimiu bonus, distribuiu listas, lançou a rua os bandeis precatórios. Os grevistas devem estar atentos contra as manobras dos patrões, alerta contra as mentiras da imprensa reacionária, precisa saber de tudo o que se passa, como cresce o movimento greve, onde fabricam e onde paralisando, anseiam por conhecer a situação da luta. A comissão de propaganda já está com o boletim da greve, os comunicados. A outra grande experiência dos operários nos quartéis-generais é a unidade de ação, a organização.



Enormes demonstrações como esta foram vividas pelos trabalhadores nos vibrantes movimentos grevistas de São Paulo.

O tempo da escravidão tem que acabar

Report. duma operária da Juta de S. Paulo (Especial para a VOZ OPERÁRIA)

Os operários vem recebendo baixos salários e o custo da vida aumenta dia a dia. Por exemplo, o arroz está a Cr\$ 18,00 e o feijão a Cr\$ 17,00. Aqui na Juta os operários ganham na maioria menos de Cr\$ 2.000,00 o que não dá para adquirir mais um pedaço de pão para eles e suas famílias.

Depois de mais de vinte dias de greve voltamos vitoriosos com 32% de aumento graças à unidade e organização da classe operária. Mesmo contra a vontade da polícia de Getúlio e Garcez, que está a serviço dos patrões, nós, operários lutamos de todas as maneiras, enfrentando os «cangaceiros» nas ruas com paus e pedras. Os piquetes, apesar da polícia e dos firas pagos pelos patrões, conseguiram a paralisação de muitas fábricas evitando que os «caranguejos» entrassem. Os piquetes reforçaram o movimento grevista.

Dentre os piquetes destacou-se o da Juta que muito trabalhou para a vitória dos 32%.

Formaram-se comissões de todas as fábricas para arrecadar dinheiro e mantimentos para os operários. Comissões foram as Câmaras Municipal e Estadual afim de exigir a liberdade dos presos, entre os quais se encontravam companheiros da nossa fábrica, que foram libertados diante dos protestos da classe operária.

Formaram-se também comissões organizadas em benefício da greve nunca se participou os operários da Juta. Nesta greve não conquistamos só aumento de salário. Também vimos quem são os inimigos da classe operária — os patrões que tudo fazem para quebrar a unidade operária, o governo responsável pela carestia da vida que ordena os espancamentos dos grevistas e ao mesmo tempo gasta milhões de cruzeiros em armamentos, segundo a orientação dos capitalistas americanos, quando esse dinheiro deveria ser empregado em escolas, hospitais, jardins de infância e outros benefícios para o povo.

Os «caranguejos» são operários que não têm consciência de classe. Alguns fazem como é o caso de Maria de Carmo, da fábrica da Juta, do rôlo, e da Maria, da tecelagem, que além de serem fura-greve apontavam para os tiras os operários que mais força faziam na luta por aumento de salário. Essas policiais traidoras da classe operária só merecem dos operários honestos, desprezo.

Seção de preparação: os operários desta seção comem pó o dia todo, o que muito prejudica a saúde, sem que os ingleses pelo menos fizessem leite. Outra coisa que descontenta muito os operários desta seção é que o salário não tem serviço fixo, servem de outros serviços, como Impedimento das máquinas automáticas.

SEÇÃO DE PASSADEIRA: as máquinas automáticas desta seção dão um lucro fabuloso para os ingleses e esgotam a saúde das operárias que

são abrigadas a trabalhar sem descanso e fazer limpeza nessas máquinas, o que as fatiga ainda mais.

Exigimos intervalos para descanso durante as horas do lanche e que a limpeza seja feita por homem.

SEÇÃO DO ROLO: O que muito prejudica nossos companheiros desta seção é a falta de carretilhas. Devido à limpeza das máquinas de fição nós devemos exigir que sejam pagas as horas paradas porque a falta de serviço não é por culpa nossa.

Para conseguir melhores condições de trabalho em nossas seções devemos lutar unidos e organizados ingressando no Sindicato e formando a comissão sindical em cada seção.

Alguns contra-mestres da Junta esqueceram que são operários. Eles têm a ilusão de que são sócios da fábrica e por isso fazem tudo o que os patrões mandam. O Primo da primeira seção, por exemplo, persegue os operários, proibindo que elas conversem ou cantem não deixa as operárias irem aos banheiros e vai atrás marcando o tempo no relógio.

O Antonio Preto não fala com os operários, grita. E por isso os operários não entram no escritório. O Antonio Português, pela frente derrama bonde mas não passa de um carretilha e ainda gosta de falar bobagens para as moças.

O tempo da escravidão tem que acabar, não obedeceremos as ordens que os contra-mestres trazem do patrão. Concluímos os operários e operárias da Juta a se reunirem para a conquista de melhores salários e melhores condições de trabalho, sindicalizando-se e organizando em cada seção uma comissão sindical.

Operários e operárias da Juta, ingressar no glorioso Partido Comunista do Brasil, porque ele é o único que dirige a luta da classe operária para a substituição desse governo de fome e de guerra por um governo democrático popular.

A ORGANIZAÇÃO MULTIPLICA AS FORÇAS

A greve eleva incessantemente a consciência de classe dos operários. Em numerosas assembleias e reuniões de grupos de 20, 30, ou 50, eles discutem e se esclarecem. Com quem está o governo? Que fazem e dizem Getúlio e Garcez? A posição do governo dos ricos, dos patrões. Este regime é contra os trabalhadores. Vejam como o policiamento é mais cerrado em torno das fábricas estrangeiras. Olhem a concentração de «peruas» do Dops em torno da Ford, da Linhas para Coser.

O governo capricha na proteção policial dos interesses dos imperialistas, é um governo de lacaios do imperialismo.

Isso tudo a greve ensina aos operários. Nesta greve é preciso preparar forças para novas lutas. O primeiro passo é fortalecer o sindicato. Já está a comissão de sindicalização do quartel-general. Suçedem-se as reuniões de jovens e são fundados os departamentos juvenis de cada sindicato. Mas o sindicato vive na empresa. Consolidam-se as comissões de empresa com a participação dos mais ativos e valorosos, estruturam-se as comissões por seção em cada fábrica. A organização multiplica as forças da classe operária.

No decorrer da greve foram postos em funcionamento diversos quartéis-generais de bairro. Assim foi na Lapa, por exemplo. Assim foi em Osasco, onde a greve acelerou a realização do velho projeto dum sede sindical para o bairro.

GARCEZ, INIMIGO NUMERO UM DOS Q. G.

A reação moveu uma luta feroz contra os quartéis-generais. Exemplo típico é o dos marceneiros, cujo Q. G. funcionava em amplo salão na

Praça João Mendes, 132. A sede foi atacada com bombas à gás lacrimogêneo, tiros após dum cerco apertado. Mais de 20 pessoas foram presas, entre elas o secretário do Sindicato, Euclides Pavão. O quartel-general teve que passar para a sede anterior do Sindicato.

Com um cinismo revoltante, Garcez ofereceu aos marceneiros um salão na alameda dos Campos Elíseos, bem para Cleveland no bairro granjeiro da polícia. Os marceneiros resistiram a todas as pressões protestaram de todas as formas, tomaram medidas judiciais e por fim recuperaram seu Quartel-General na Praça João Mendes, no coração de São Paulo. OS PELEGOS TEMEM OS Q. G.

Pelego tem medo de quartel-general grevista como o diabo da cruz. Exemplo típico é o dos pelegos do Sindicato dos Vidreiros. Quando a assembleia pediu que se instalassem um quartel-general, responderam que não era preciso pois a greve ia durar pouco. Vinham operários pedir piquetes e buscar esclarecimentos. Os pelegos tudo faziam para impedir «aglomerações» no pequenissimo salão onde mal cabiam 80 pessoas. Foram esses pelegos, Domingos Taveira, Chediak, Chianove & Cia. que se desligaram do pacto-inter-sindical.

O QUARTEL GENERAL CONJUNTO DO HIPODROMO

O Brasil não conhece assembleias operárias maiores do que as realizadas no ar livre no antigo Hipodromo, á rua Bresser, Quartel-General conjunto, sede palpitante de vida, ação e espírito de luta. Nada de côrdo em separado, a classe operária é uma só. Não há acordo enquanto houver um grevista preso, sem o pagamento dos dias de greve.

O Pacto Intersindical, o Quartel-General conjunto do Hipodromo elevaram a unidade operária a um nível mais alto. O proletariado quer que o pacto de unidade continue, que todos os sindicatos se reúnam para agir em comum também para o futuro.

nos 4 cantos do mundo

FRACASSO, FRACASSO, FRACASSO...

A despeito dos ultimatos do John Foster Dulles, os países da Europa resistem em ratificar o chamado Pacto do Exército Europeu que significa, na prática, a reconstituição do exército nazista. Na Alemanha, a Câmara aprovou o tratado, em meio a violentas manifestações populares. Depois, porém, o Bundesrat (Senado) rejeitou-o aguardando o pronunciamento da Corte Suprema que já o considerou inconstitucional anteriormente. Adenauer, tendo recebido novas ordens nos EE. UU., não se deu por achado e anunciou que consideraria aprovado o pacto assim mesmo, submetendo-o à assinatura do presidente Houss. Mas este não quis assumir tal compromisso e recusou-se a assiná-lo. Resultado: também na Alemanha fracassou o ultimato do furibundo Foster Dulles.

BALÃO FURADO

A vitória obtida pela causa da Paz com a troca dos prisioneiros doentes e feridos lançou o desespero entre os agentes dos industriais da morte. Provocações diárias começaram a surgir. Uma delas: os prisioneiros teriam sido torturados pelos comunistas, através de «marchas da morte». E tãca a máquina de propaganda americana passou a gritar por todos os poros.

De repente, porém, fez-se silêncio. O gal. Henry Wells comandante das tropas britânicas no Extremo Oriente anunciou em comunicado: «De nossas entrevistas com os prisioneiros de guerra repatriados nada sabemos sobre «marchas da morte» ou tratamento desse gênero dispensado a nossos prisioneiros». E mais uma mentira morreu.

ASSIM É A FRANÇA

Os resultados das eleições municipais francesas deram mais uma vez, o primeiro lugar para o Partido Comunista. Este, a despeito dos 7 milhões de dólares que os EE. UU. gastam na França anualmente em propaganda anti-comunista, apesar das medidas de terror policial, a despeito dos ataques da reação desfechados de dentro do Partido através de renegados como Marti e Tillon, superou todas as provas e melhorou sua posição, sobretudo nos centros mais importantes. Em Paris, os comunistas obtiveram 25% da votação. Mais de um quarto da população da Cidade-Luz deposita sua confiança no glorioso Partido de Thorez, que é o Partido da verdadeira França.

A Grande Festa da Fraternidade Operária

Uma só classe no mundo inteiro, o proletariado; um só data internacional, o Primeiro de Maio

UMA GREVE EM CHICAGO

Aquele era, sem dúvida, a maior greve que já se realizou em Chicago, a cidade norte-americana que a todas se sobrepunha no desenvolvimento industrial. Milhares e milhares de trabalhadores, submetidos à dura exploração do capital, erguiam-se em massa pela redução da jornada de trabalho, pela fixação, em oito horas, do período diário de trabalho.

A reivindicação da jornada de oito horas, levantada desde 1866 pela Primeira Internacional, que Marx fundara em 1864, ganhara de há muito o caráter de uma reivindicação ampla, pela qual lutavam os operários da Europa e da América.

O dia Primeiro de Maio de 1886 apresentou-se, assim, como um momento agudo da luta de classes nos Estados Unidos. Naquela data, que fora precedida de grandes manifestações de rua, por parte do proletariado, milhares de operários declararam-se em greve. E essa greve ganhara acentuado caráter político.

As manifestações que se reproduziram nos dias posteriores geraram, no dia 3, um violento choque com a polícia, no qual foram assassinados seis operários e feridos muitos outros.

Por isso, no dia seguinte, realizou-se na Haymarket Square, um vigoroso comício de protesto, do qual participou grande multidão. A manifestação já terminava quando a polícia, mais uma vez atacou ferozmente os operários. Uma bomba matou um sargento e, na verdadeira batalha de rua que se seguiu, morreram sete policiais e quatro trabalhadores.

ASSASSINATO JURÍDICO

A reação reclamava novas vítimas. Não lhe tinham bastado as que matara em praça pública. Desejava amedrontar o proletariado dos Estados Unidos com um frio julgamento de classe, que culminasse no assassinato legal de mais alguns expoliados.

Montou-se um processo farsa, em que se acusaram alguns dirigentes operários de assassinos dos policiais mortos no conflito. Quatro homens foram diretamente visados pela promotória: Parsons, Spies, Fischer e Engel.

Não foi possível basear o processo em qualquer prova verídica. Mas os donos do capital não procuravam a verdade que sempre os feriu como ferro em brasa. Buscavam calar pela morte quatro operários dignos, destacados militantes de sua classe, que souberam portar-se com coragem e dignidade em todo o decorrer daquela farsa ignóbil.

Parsons, Spies, Fischer e Engel foram enforcados por ordem do governo norte-americano, para satisfazer aos interesses dos capitalistas dos Estados Unidos. Foram assassinados como o seriam mais tarde Sacco e Vanzetti. Foram vítimas da mesma fria crueldade que se volta agora contra Julius Rosenberg e sua esposa Ethel.

A CLASSE OPERÁRIA NÃO SE DEIXA ABATER

As mananças de rua realizadas em 1886, e que culminaram com o enforcamento dos quatro mártires operários, não abateram a classe operária. Embora na segunda metade de 1886, e durante o ano de 1887, a ofensiva desabrida dos patrões e do governo tivesse podido conter de certo modo as ações imediatas do proletariado, já em 1888 renovava-se, num nível ainda mais alto, o movimento pela jornada de oito horas.

E a data escolhida para as manifestações em massa foi novamente o dia Primeiro de Maio, no qual as forças do trabalho passaram a ver uma jornada de lutas e de solidariedade de classe. O sangue dos mártires de Chicago desabrochou numa flor rubra que jamais poderá esmaecer.

UMA SÓ CLASSE, UMA SÓ DATA INTERNACIONAL

O proletariado de todo o mundo incorporou a grande jornada de 1886 a seu rico cabedal de lutas. Em 1890, a data foi comemorada não apenas nos Estados Unidos mas em vários outros países. Escrevendo no Primeiro de Maio daquele ano dizia Engels: "... o proletariado europeu e americano pela primeira vez passa em revista suas forças postas em pé de guerra, como um só exército, unido sob uma só bandeira..." «O espetáculo de hoje abrirá os olhos dos capitalistas e dos latifundiários de todos os países e os fará compreender que a união dos proletários de todo o mundo já é um fato».

Em 1891, a Segunda Internacional estabeleceu que o Primeiro de Maio seria o dia da reivindicação da jornada de 8 horas e da afirmação da luta de classes, recomendando que nesse dia fosse lançado mão do recurso da greve onde isso se tornasse possível.

AMPLIAM-SE AS COMEMORAÇÕES

A propagação das comemorações do Primeiro de Maio estendeu-se rapidamente a todo o mundo. Mesmo no Brasil, onde o capitalismo dava os primeiros passos e onde, em consequência, o operariado fabril era muito incipiente, não foram nulas, ainda no século passado, as afirmações de solidariedade internacional em torno da grande data.

Ela foi comemorada em 1895 pelo Centro Socialista de Santos e, na mesma data, a folha «Primeiro de Maio», que se editava em São Paulo, publicava o programa do Partido Operário de Santos. Euclides da Cunha, em 1900, redigiu o manifesto de Primeiro de Maio, lançado pelo Clube Democrático Socialista de São José do Rio Pardo, «Os Filhos do Trabalho», fato sobre o qual preferem silenciar os literatos da burguesia.

Essas manifestações não foram isoladas. Uma série de jornais, quase sempre de vida fugaz, apareceu em vários pontos do país, reportando-se diretamente à grande data operária. Tais o «Primeiro de Maio», órgão do Centro Artístico Cearense, publicado no Ceará; «O Primeiro de Maio», de Recife, em 1900; «Os Mártires de Chicago», de Macaé, em 1905; «O Trabalho Livre», editado na mesma cidade, em 1906 e vários outros.

As associações operárias editavam, também, números comemorativos como o fez, por exemplo, a «União Operária do Engenho de Dentro», em 1904.

Está claro que o tom de alguns desses jornais era francamente desfigurado pela conciliação de classes e até pelo elogio às autori-

dades, homenageadas por alguns redatores. As ideologias estranhas à classe operária, principalmente a anarquista, que a partir de certa época se faziam sentir e exerciam suas influências nefastas são também um aspecto a notar. Não encontramos, na imprensa operária daquele período qualquer exemplar que possa ser tido como marxista, embora algumas epígrafas marxistas pudessem encabeçar certas edições, revelando um início de influência do socialismo científico.

Mas não é isso que importa, fundamentalmente. O que tem a maior importância é que o operariado do Brasil, nascido de pouco, já sentia a poderosa influência do movimento operário internacional; é que o internacionalismo proletário, condição essencial de qualquer movimento operário que não se deixe desviar pela burguesia, já impregnava aquelas longínquas manifestações realizadas em nossa pátria em torno do Primeiro de Maio.

Com o tempo, o Dia dos Trabalhadores ganhou em toda a parte uma significação ainda maior. Então, a própria burguesia foi obrigada a reconhecer as comemorações e a consignar o Primeiro de Maio como um feriado oficial. No Brasil, ainda no princípio deste século, isso foi conseguido no Estado de Santa Catarina.

Como era de esperar, os traidores do movimento operário, os bonzos sindicais e os social-democratas de direita, cuidaram de desfigurar a data, procurando transformá-la de um dia de reafirmação da solidariedade proletária na luta contra o domínio do capital, em dia de confraternização de classes, na negação da luta dos explorados contra os exploradores.

DIA DE LUTA E DE FESTA

Mas a vida segue seu curso. Os destinos que caem na impetuosa torrente do movimento operário vão ter ao fundo ou são atirados às margens. O Primeiro de Maio guarda seu conteúdo, seu profundo conteúdo de classe.

Ele é um dia de luta e de festa. Então, passando revista a suas forças em todo o mundo, o proletariado dá o balanço de seus êxitos e de seus insucessos temporários. Os trabalhadores aguardam com ansiedade as palavras de ordem que lhes serão transmitidas por seus dirigentes provados, os comunistas, nas quais encontram um programa de ação para novas e gloriosas jornadas. Nos países dominados pelo capital, eles juram recrudescer a luta e acrescentar novos triunfos aos que já conquistaram. Os operários de todo o mundo olham com orgulho para aqueles Estados onde o Poder dos exploradores for substituído pelo

Poder dos antigos explorados e nos quais uma sociedade livre, próspera e feliz acena com o futuro para toda a humanidade.

E os operários saudam calorosamente a URSS, a China e os países de democracia popular.

Nesse dia as forças sociais se mantêm particularmente tensas ali onde reina a opressão e o desprezo pelo homem operário são furiosamente perseguidos, seus direitos mais uma vez pisoteados.

No entanto, cada ano que passa, dá ao Primeiro de Maio um caráter mais festivo. E' que, de ano para ano, crescem os triunfos da classe operária, cimentam-se sua unidade, repercute cada vez mais no âmago do grande povo trabalhador o apelo histórico que Marx lançou há mais de um século:

«OPERÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!»

LONGOS ANOS DE VIDA A MAURICE THOREZ!



Completo 53 anos em 28 de Abril último o camarada Maurice Thorez, dirigente máximo do proletariado da França, Secretário Geral do glorioso Partido Comunista Francês, uma das grandes figuras do comunismo mundial.

Filho da classe operária, seus pais eram mineiros e também ele próprio tendo trabalhado no fundo das galerias, Thorez sempre viveu entre o povo a cujo lado participou de duras lutas e combates.

Durante os negros dias da última guerra, Thorez dirigiu a resistência dos seus compatriotas ao invasor alemão e, lado a lado com seu companheiro Jacques Duclos, lançou o histórico Apelo de Junho de 1940 que conclamava o proletariado e o povo

da França a resistir e expulsar do solo pátrio os bandidos de Hitler.

Acometido de uma séria mal, Thorez foi recebido há dois anos pela União Soviética, cujo governo e o Partido Comunista puseram toda a ciência a serviço de sua saúde.

Hoje, de volta à sua Pátria, ele novamente é testa do glorioso P.C.F. que nas eleições de abril obteve mais um grande triunfo. Novamente em seu posto Thorez comanda as lutas pela libertação do seu povo, pela independência da França, pela Paz.

Ao ensejo do 53º aniversário de Maurice Thorez, o povo e o proletariado brasileiros saudam-no de jando-lhe longos anos de vida à frente de seu povo.

7 DIAS NO BRASIL

DIA 22 — Esclarecendo dúvidas, o senador Alencastro exibe ao Senado uma carta provando que seu parecer sobre a «Petrobrás», foi favorável à Standard, redigido no próprio Catete.

— Decisão escandalosa do Supremo Tribunal: negado habeas-corpus ao major Júlio Sérgio, que se encontra há cerca de um ano preso sem culpa formada.

DIA 23 — Contiuo Getúlio-Lafar-Anápio Gomes para a assinatura do empréstimo de 300 milhões de dólares. O empréstimo será feito pelo Banco do Brasil, mas o Tesouro lhe dará uma «garantia subsidiária». O receio do governo está em que a Nação conheça todas as condições inconfessáveis do empréstimo.

— O ex-governador anti-comunista Penna Botto foi acusado na Câmara de ter provocado a avaria e o encalhe de navios de guerra do Brasil durante a guerra, por relaxamento e irresponsabilidade.

DIA 24 — Falando nos EE. UU., o genro de Getúlio, Amaral Peixoto, declarou que o governo está pronto a entregar o petróleo aos trustes ianques, assim que for aprovado o projeto entreguista da «Petrobrás». O quisling também assegurou a seus patrões que o Acórdo Militar seria aprovado o quanto antes.

DIA 25 — Na capital da República o preço da batata sobre para Cr\$ 10,00 o quilo.

DIA 26 — Declara o diretor do Serviço Nacional do Trigo que agora existe trigo em abundância no país, importado da Argentina, mas que os brasileiros continuarão a comer pão misto. Justificativa: «para não prejudicar a indústria nacional de raspa de mandioca...»

DIA 27 — O Senado aprova o regime de urgência para o Acórdo Militar. Protestos populares procuram evitar a aprovação desse acórdo de escravização.

— Encerrada, no Senado, a discussão da «Petrobrás». Chato e outros agentes imperialistas deliram de servilismo à Standard. Diz o sr. Landolfo Alves: «As gerações futuras não de castigar aqueles que cometeram tal crime». Por que esperar tanto?

DIA 28 — Anuncia a CEXIM que possui apenas 40 milhões de dólares para atender às importações do presente trimestre. Os pedidos de importação atingem a 500.000 milhões.

Por Uma Imprensa à Altura das Lutas das Massas

PAULO RODRIGUES

No próximo dia 5 transcorre o 41.º aniversário da fundação da «PRAVDA» (A verdade), órgão central do grande Partido Comunista da União Soviética.

Em nosso país, esta grande festividade internacional dos trabalhadores ocorre em dias próximos daqueles em que comemoramos o aniversário de fundação, a 1.º de Maio de 1925, da gloriosa «A CLASSE OPERÁRIA», órgão central de nosso Partido. Ainda outros órgãos da imprensa operária e democrática de nossa terra, como «Tribuna Popular» e «O Momento», aniversariam no mês de maio.

Muitas razões, portanto, nos levam, aos comunistas brasileiros, a ver no mês de maio um mês de carinho e atenção redobrados por nossos jornais operários e populares.

Organizada por Stálin, à base das indicações de Lênin, a «PRAVDA» de 1912 exerceu poderosa e inestimável influência na formação do Partido Bolchevique e na educação revolucionária das massas, orientando-as firmemente para a tomada do Poder.

A «Pravda» surgiu num momento de ascenso do movimento operário, quando já não bastavam os outros jornais editados pelos bolcheviques, quando o Partido Bolchevique precisava de um diário político, destinado às mais amplias massas de operários» (I. V. Stálin, «História do Partido», pág. 61). Nas novas condições históricas que então se apresentavam ao Partido de Lênin e Stálin, a «Pravda» estava no centro da luta pelo espírito de partido, pela reconstituição de um partido operário revolucionário de

MASSAS». Conforme disse mais tarde o grande Stálin «Sobre a «PRAVDA» de 1912 se alicerçou a vitória do bolchevismo em 1917».

Não é demais dizer que estes preciosos ensinamentos da «PRAVDA» de 1912 assumem importância transcendental para nós, nos dias que correm. Na realidade, a data internacional da imprensa operária e os aniversários de «A Classe Operária» e outros jornais populares, são comemorados este ano, no Brasil, em meio a poderoso ascenso do movimento operário e de massas. E é inteiramente justo dizer que, da mesma forma que na velha Rússia tsarista, o crescimento destas lutas e sua condução cada vez mais firme sob a bandeira da paz, das liberdades, da independência nacional e da democracia popular estão ligados à influência que sobre as lutas exerceu a imprensa operária revolucionária.

E por que? Porque a imprensa é um veículo insubstituível, não o único — mas o principal, de levar ao movimento operário a ideologia socialista. Meditemos: que outro meio, melhor do que a imprensa, pode, diária e persistentemente, levar aos operários e às grandes massas a interpretação e orientação justas, do ponto de vista da classe operária, a respeito de cada aspecto da vida das massas, seja no terreno político como no econômico, profissional, doméstico, cultural, da vida quotidiana, etc.? E, já em 1905, Stálin ensinava que o movimento operário espontâneo, sem o socialismo, é um tatear no escuro, que sempre pode conduzir ao objetivo, mas ninguém sabe quando nem ao preço de que sofrimentos. E Stálin aconselhava unir a nau que é o movimento operário à bússola que é a ideologia socialista. «Uní essas duas coisas — dizia —, e teréis uma nau magnífica, que singrará diretamente para a outra margem e chegará ao porto sem avarias».

Este fato permite bem avaliar a enorme importância da imprensa para o movimento revolucionário e para a construção do Partido: até a tomada do Poder, a vida de Lênin e Stálin, bem como a vida de todo o núcleo leninista que construiu o P.C.U.S. pode, sem exagero, ser acompanhada por sua atividade à frente dos jornais bolcheviques. O carinho que Lênin e Stálin sempre dedicaram à imprensa está ligado à justa avaliação da importância da ideologia, do papel da imprensa como agitador, propagandista e organizador coletivo, do papel de vanguarda do Partido.

«Sem imprensa — dizia Lenin — é impossível qualquer movimento de massas num país com um mínimo de civilização». Como são oportunos os ensinamentos que elas contêm no momento em que se estendem, em nossa pátria, a revolta e as lutas das grandes massas contra a miséria e a opressão!

Hoje, estamos, os comunistas e todos os trabalhadores de vanguarda, vivendo dias de intensa alegria. As massas se põem em movimento, crescem as lutas. Sim, já ninguém pode negar esta verdade. E, para melhor podermos conduzi-las o Comitê Nacional de nosso Partido, Prestes à frente, acaba de nos armar com documentos de excepcional força de orientação. Melhor do que nunca podemos dirigir praticamente as lutas das massas pelo pão, pela paz, em defesa das liberdades democráticas, pela conquista da independência nacional e de um governo democrático-popular.

Com lógica irrefutável Prestes demonstrou que, para tanto, a questão decisiva é elevar bem alto o papel de vanguarda do Partido, lutar impiedosamente contra as tendências espontaneístas em nossas fileiras, elevando nosso nível ideológico e nossa influência sobre as massas. Nestas condições trata-se de compreender que a luta pela melhoria de nossos jornais, por sua grande penetração entre as massas é um fator de grande importância para realmente levarmos à prática a orientação traçada nos últimos informes do Comitê Nacional.

Trata-se de romper com a subestimação pela imprensa, que ainda domina muitas organizações do Partido. São incontáveis os comunistas e os organismos partidários, que relegam as tarefas de imprensa a um plano estritamente prático e secundário, que não lêem nossos jornais nem se preocupam seriamente com a difusão, com o pagamento regular das quotas, com o auxílio financeiro, que não se abalançam a escrever para os nossos jornais, a ser seus correspondentes ativos e entusiastas, nem a criticá-los severa e francamente para que se possam alçar à altura das exigências do momento. A «Pravda» de 1912 publicava cerca de trinta cartas operárias por dia; hoje, que o trabalho é mais fácil, nossos jornais não podem contar nem com um terço deste número. Também se critica pouco, sem o espírito de exigir o máximo de nossos jornais, pois não se parte da noção (outro aspecto da subestimação do papel do Partido!) de que para as massas devemos dar o que temos de melhor.

E' verdade que os jornais têm apelado pouco para a correspondência e para a crítica. Nossos jornais ainda subestimam solenemente a correspondência da base e a crítica que vem da base. Ainda recentemente, a VOZ OPERÁRIA, depois de receber séria crítica a uma de suas capas, feita por um militante gaúcho, ocultou essa crítica, silenciou sobre ela em suas páginas e nem mesmo deu qualquer satisfação ao elemento que a criticara. Não resta dúvida — que as manifestações de mesquinhez e deformação penueno-burguesa como esta, precisam ser enérgicamente extirpadas de nossos jornais. Mas o serão tanto mais depressa, quanto mais persistente e sistemática se manifestar a crítica de todos os leitores e colaboradores, seguros de que terão inteiro apóio.

São candentes as questões atuais de nossa imprensa. Nosso Partido precisa enraizar-se profundamente nas massas. Isto significa elevar-se ideologicamente e multiplicar quantitativamente seus efetivos, especialmente nas grandes empresas e concentrações de assalariados agrícolas.

E não se pode nem pensar seriamente na construção do Partido, pelo menos no ritmo necessário, sem dar aos jornais sua inteira importância, sem bem utilizar a imprensa. A subestimação que ainda persiste em relação aos jornais não pode deixar de ser encarada e combatida como um aspecto sério do espontaneísmo — base lógica do oportunismo, como um aspecto do desprezo pelo papel de vanguarda do Partido, da despreocupação pela construção do Partido.

Se realmente compreendemos que «o Partido é tudo», se realmente compreendemos que precisamos de um grande Partido porque Prestes é um dirigente para milhões, então não podemos deixar de ver que a luta pela elevação do papel do Partido é também a luta pela melhoria dos jornais. É também a luta por sua maior difusão entre as massas. Veremos então com novos olhos as questões da crítica aos jornais, da colaboração, da distribuição, do pagamento regular, e da ajuda financeira.

Tudo isto nos mostra quanto anda acertada a direção de «VOZ OPERÁRIA» em lançar neste mês de maio — verdadeiro mês da imprensa operária no Brasil — seu plano de aumento de difusão, plano que há de receber calorosa acolhida por parte de todos os seus leitores e de todos os militantes de vanguarda. É uma iniciativa justa, que muito facilita a cada um de nós a realização de nossas tarefas atuais e que, por isso, não podemos deixar de tomar nas mãos.

DEMOCRACIA POPULAR
— semanário de atualidade política —
— CIRCULA ÀS TERÇAS-FEIRAS —

Pelo Aumento da Circulação Da Voz Operária

Reiniciamos, em nossas colunas, por uma justa reclamação de nossos leitores, os debates e discussões em torno da circulação de VOZ OPERÁRIA.

E' com alegria que abrimos nossas páginas para divulgar e transmitir as experiências, todas as iniciativas dos agentes e leitores que, com entusiasmo concorrem para a expansão de nosso semanário através de todo o Brasil.

Compreende-se que o motor da melhoria e ampliação de todo o trabalho é a emulação. Entretanto, esta deve ser pública e não fechada como ocorre presentemente entre as

sucursais de São Paulo e do Rio Grande do Sul, cuja emulação permanece intra-muros, sem que os demais Estados tenham tido notícia dela. Onde as experiências dos dois concorrentes? Ninguém sabe. Essa situação é que deve acabar e vai acabar. Os dois concorrentes, desde já, estão com a palavra.

Na próxima semana divulgaremos um plano de emulação de âmbito nacional e, aí, então, a coisa há de tomar novo rumo. De norte a sul, todos os Estados concorrerão. A querida VOZ ganhará muito com isso: sua circulação vai, chegando às mãos de novos leitores, ampliar o raio de ação do trabalho de esclarecimento, de organização e mobilização para a luta pela libertação de nossa pátria, pela paz, por melhores condições de vida.

Alerta, pois, todos os agentes à espera deste importante Plano. Entretanto, isso não impede que agora, a partir de hoje, tenha início a emulação entre cada município, cada bairro, cada vila.

Para a frente, por uma grande circulação de VOZ OPERÁRIA.

UMA EXPERIENCIA

Um nosso agente de Niterói, no Estado do Rio, retirava no princípio do corrente ano, 50 exemplares. Gradativamente, foi organizando a distribuição nas bancas de jornais daquela capital. Hoje, ele retira semanalmente de 300 a 500 exemplares que são vendidos pelos jornaleiros.

Eis uma boa experiência que deve ser aproveitada por muitos agentes das capitais e das cidades do interior, visando a conquista de novos milhares de leitores para a nossa VOZ OPERÁRIA.



Recrutar Para o Partido

Os Melhores Combatentes da Classe Operária, os Melhores Filhos do Povo Trabalhador

«Com um Partido numericamente débil será impossível organizar a frente única das grandes massas do nosso país, dirigir-lhe e levá-lo à vitória. Luta pela paz, a liberdade, a independência nacional».

Do Informe de Abril de UIZ CARLOS PRESTES

Em sua última reunião, o Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil determinou:

«EM HONRA A MEMÓRIA DO CAMARADA STALIN, SEJA EMPREENDIDO POR TODO O PARTIDO UM GRANDE ESFORÇO ORGANIZADO A FIM DE TORNAR VITORIOSO O RECRUTAMENTO STALIN E GANHAR PARA AS FILEIRAS DO PARTIDO OS MELHORES COMBATENTES DA CLASSE OPERÁRIA, OS MELHORES FILHOS DO NOSSO POVO».

Para dirigir as grandes lutas do nosso povo, precisamos de um grande Partido. E para termos um grande Partido, precisamos, entre outras coisas, RECRUTAR. A subestimação do recrutamento é a própria subestimação do Partido. Necessitamos de um Partido à altura das lutas do proletariado e do povo, que crescem em todo o país, de um Partido capaz de dirigir estas lutas e conduzi-las à vitória, de um Partido capaz de dirigir as próximas e grandes lutas do proletariado e do povo brasileiro pela libertação nacional, por um governo democrático e popular.

«A existência do Partido Comunista permite ao proletariado conduzir de maneira organizada e consciente a luta contra os exploradores e opressores e pela vitória da revolução».

Do Informe de DIOGENES DE ARRUDA

comb

RECRUTAR

honestos e combativos que se aproximam de nós, para converter-las em necessidades do Partido.

1 Para recrutar é preciso um PLANO. É necessário estabelecer cuidadosamente o OBJETIVO a alcançar, isto é, o número de NOVOS MILITANTES a serem recrutados. Isto deve ficar claro para cada membro do Partido, cada um ter a sua cota de recrutamento, dentro da cota do organismo a que pertence.

3 — Para recrutar, para levar à vitória o RECRUTAMENTO STALIN, é necessário estabelecer a emulação entre os organismos e os militantes, desertas por todas as maneiras sua iniciativa criadora.

2 Para recrutar, devemos utilizar largamente a agitação e a propaganda do Partido. Utilizar os jornais, os folhetos, os livros. Explicar aos trabalhadores que é o Partido, o que quer o Partido, quais os objetivos do Partido. Realizar reuniões e sabatinas para esclarecer aos simpatizantes, todos os elementos

4 — Para recrutar, para assegurar a vitória do RECRUTAMENTO STALIN, é necessário estabelecer um rigoroso controle de todas as tarefas traçadas. Não apenas um controle mensal e geral, mas um controle semanal, diário até, e de cada detalhe do plano.

onde

RECRUTAR

quem

RECRUTAR

1 Nas empresas: é aí que as contradições de classe são particularmente claras e a luta de classes particularmente aguda, como nos explica o camarada Stálin. E entre as empresas, nos procurar recrutar, antes de nas grandes empresas. Nas de mais de 1000, nas de mais de 500 operários, que estão os núcleos fundamentais da classe operária, os núcleos capazes de atingir toda a classe.

3 de algodão e cacáu. Nas zonas de grandes concentrações camponesas. Aí também a luta de classes, a luta pela terra e contra as sobrevivências feudais é mais aguda. São pontos fundamentais que podem e devem ser transformados em bastiões da aliança operária e camponesa, da luta pela libertação nacional e social do nosso povo.

1 — É necessário recrutar os operários mais combativos, mais honestos, os que se destacam por sua posição em defesa dos interesses coletivos. Os trabalhadores mais ativos, os mais inteligentes, os que gozam da confiança dos seus companheiros.

da aliança operária e camponesa, que dirigem as lutas dos seus irmãos contra os impostos escorchantes, contra os exploradores latifundiários, pela garantia de preço para seus produtos.

É necessário recrutar com audácia. Há milhares de honestos filhos do povo que podem e devem vir para as fileiras do Partido Comunista. As portas do Partido lhes estão abertas. Saber assegurar o êxito desta tarefa, levar à vitória o RECRUTAMENTO STALIN, e continuar recrutando permanentemente para o Partido os melhores, os mais destacados, os mais fiéis filhos da classe operária e do povo — esta a tarefa traçada pela reunião de abril do Comitê Nacional. Assegurar o êxito desta tarefa — este o dever de cada organismo do Partido, de cada membro do Partido.

2 Nas grandes concentrações agrícolas: Nas usinas de açúcar, nas fazendas de café, nas grandes plantações

3 — No trabalho de massas: É no trabalho de massas, na luta pelas reivindicações imediatas econômicas e políticas, que se destacam os elementos mais combativos. É aí que se patenteia sua firmeza diante do inimigo, sua tenacidade. E estas são algumas das qualidades que deve possuir todo membro do Partido. Por outro lado, é empenhando-se nas lutas pelas reivindicações imediatas que os trabalhadores compreendem mais rapidamente a necessidade da organização do seu estado-maior — do seu partido de classe; que os democratas e patriotas sinceros e honestos compreendem que a luta pela paz, pela liberdade e pela libertação nacional do Brasil está estreitamente ligada à luta dos povos do mundo inteiro pelo socialismo, pela derrota total do imperialismo.

2 — É preciso recrutar os trabalhadores mais audaciosos das grandes fazendas e usinas, que conduzem lutas de massas em condições particularmente difíceis.

4 — É necessário trazer para as fileiras do Partido as mais combativas do meio de casa que se batem contra a carestia; os estudantes e intelectuais honestos, que lutam pela paz e pela liberdade; todos os melhores filhos do povo trabalhador, que compreendem a necessidade de se organizarem no Partido do proletariado, no Partido de Prestes e Stálin.

2 Nas grandes concentrações agrícolas: Nas usinas de açúcar, nas fazendas de café, nas grandes plantações

NECESSITAMOS DE UM PARTIDO NÃO DE 200.000, MAS DE UM GRANDE PARTIDO DE 500.000, DE UM MILHÃO OU MAIS MEMBROS — Diogenes de Arruda — Informe ao Pleno de Abril.

A Bandeira da Pátria Nas Mãos da Classe Operária

A frente de todo o povo, levanta-se a classe operária em defesa da Paz e da Independência Nacional

A multidão desembocou na Avenida Rio Branco aos gritos de «Greves! Greves!». São mais de cinco mil operários e operárias empunhando faixas onde se lêem suas reivindicações mais sentidas. Num lado, dominando o desfile do lado a lado, está escrito: **ABAIXO O ACORDO MILITAR!** — Isto se passou no dia 4 de dezembro do ano passado, quando 12 mil textéis do Distrito Federal abandonaram as fábricas para acompanhar o julgamento do seu caso na chamada «Justiça do Trabalho». O «julgamento» foi desfavorável aos trabalhadores, que imediatamente saíram em passeata pelas ruas, rumo a seu sindicato. No mesmo dia, milhares de textéis compareciam ao parlamento para entregar uma moção manifestando seu repúdio ao acordo infame.

Manifestação como esta haveria de se reproduzir depois, em maior escala, durante a greve do proletariado paulista. Numa das grandes assembleias conjuntas de grevistas, dezenas de milhares de trabalhadores aprovaram entusiasmadamente uma mensagem exigindo a rejeição do «acordo militar».

CONTRA O IMPERIALISMO EM TODA PARTE

Ao lado dessas duas grandes demonstrações, porém, e mesmo muito antes milhares de manifestações operárias surgiram em todo o país, em prol da Paz, em defesa da soberania da Pátria ameaçada, em defesa de seu petróleo e de suas riquezas cobijadas pelos trustes americanos. É assim que a classe operária, as grandes massas trabalhadoras vêm ocupando seu papel de vanguarda na luta pela independência nacional.

Nos dias de hoje, não há assembleia sindical, não há reunião de trabalhadores em que seja colocado o problema da defesa do petróleo e a questão do «acordo» militar, que não manifeste de imediato o seu indignado protesto contra a venda do Brasil aos imperialistas de Washington. No dia 3 de outubro do ano passado, por exemplo, o Ministério do Trabalho organizou uma manifestação «operária» a Vargas. Conseguiu reunir, além de pelegos e ticas, um certo número de operários horreados. Estes, porém, transformaram o ato numa demonstração em prol de suas reivindicações. Um dos cartazes, empenhado por marítimos, dizia «CABOTAGEM NACIONAL» numa crítica direta à política governamental de liquidação da marinha mercante do Brasil em favor das linhas norte-americanas.

Tal é a situação presente.

O PROLETARIADO DA LIÇÕES DE PATRIOTISMO

Enquanto os governantes capitulam e os círculos dominantes vendem o país por dólares, vendo a salvação de seus privilégios na submissão completa aos banqueiros ianques, os trabalhadores, à frente de todo o povo, tomam em suas mãos a bandeira da Pátria. Nos últimos anos as grandes reivindicações da nação — a Paz e a Independência Nacional, as liberdades democráticas e o progresso do país —, a despeito de toda a pressão governamental para que as assembleias operárias não tratem de política, são sistematicamente abordadas ao lado da luta por aumento de salários, pela liberdade sindical e os direitos democráticos dos trabalhadores.

Em dezembro do ano passado, reuniu-se em S. João del Rey o VII Congresso dos Trabalhadores de Minas. Presentes 110 delegados, inclusive representantes de todos os círculos operários católicos. Getúlio compareceu esperando em godar os trabalhadores com uma desconversa demagógica. Mas os delegados da classe operária se pronunciaram, unanimemente em defesa da tese do monopólio estatal para o nosso petróleo, repudiaram a «Petrobrás» e se manifestaram pela defesa de nossas riquezas contra o assalto imperialista. Após prolongada discussão, com toda consciência, o Congresso repeliu energicamente o «acordo militar» e passou telegramas ao Presidente da República e ao Congresso no sentido de que «resguardem a soberania nacional».

MILHÕES DE PUNHOS CONTRA O ENTRE-GUISMO

É assim que se dá em todo o Brasil. Os Congressos Regionais de Previdência e Seguro Social realizados em Belém, S. Paulo e Salvador votam protestos unânimes contra o «acordo militar». Assembleias sindicais em todo o país manifestam-se no mesmo sentido. No Amazonas, dezesseis sindicatos e a União dos Marítimos repudiaram oficialmente o «acordo». A quase totalidade dos presidentes dos sindicatos baianos enviou mensagem ao Congresso repelindo o documento infame. No Rio Grande do Sul, a Frente Inter-Sindical, constituída de representantes de todos os sindicatos, enviou telegramas ao Senado e à Câmara, exigindo o arquivamento do «acordo militar». No Rio, 500 marceneiros concentrados diante do Tribunal Regional do Trabalho, aproveitaram a oportunidade para fazer uma manifestação de repulsa ao «acordo»



Os textéis lutando por aumento de salários realizaram uma grande manifestação de repúdio ao Acordo Militar

da traição.

Em toda parte, os trabalhadores participam das comissões organizadas para a luta contra o «acordo militar» e das organizações de defesa do petróleo, ao lado de personalidades democráticas de todas as classes. Por outro lado, centenas de presidentes e dirigentes sindicais já se pronunciaram contra o «acordo» e contra a entrega do petróleo à Standard Oil, enquanto que dezenas de milhares de mensagens, até agora enviadas ao Parlamento, trazem as assinaturas de operários de todas as categorias e de todos os Estados.

NEGRA AMEAÇA CONTRA A INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Os trabalhadores celebram este Primeiro de Maio em meio a vigorosas lutas contra as consequências diretas da política de guerra do governo, que esfomeia o povo. As greves que se processaram em quase todos os Estados e particularmente as grandes greves que abalaram São Paulo e o Rio, elevaram a combatividade e a organização das

massas trabalhadoras. Tais lutas, contra a carestia e os baixos salários, estão intimamente ligadas à luta em defesa da Paz e da independência nacional.

Um perigo imenso, porém, paira sobre o país. Os imperialistas dos Estados Unidos, que dominam o governo de Getúlio, são insaciáveis em seus apetites: querem o nosso petróleo a todo custo, querem mãos livres para saquear as riquezas de nosso solo, querem que sejamos arrastados à guerra por meio do «acordo militar». No Senado, o governo se empenha em fazer aprovar o projeto entreguista da «Petrobrás» e o «acordo» a toque de caixa, enquanto Amaral Peixoto vai ao EE. UU., com o fim expresso de combinar «facilidades» para os «capitais privados», isto é, para a Standard e outros trustes. O país está em bancarrota, o ouro do Brasil é penhorado em Washington, o comércio exterior entra em colapso e o governo, para manter-se, só faz novas e inconfessáveis concessões aos banqueiros ianques, como o escandaloso empréstimo de

300 milhões de dólares, cujo pagamento significará uma nova e profunda sangria.

TRAÍÇÃO DAS CLASSES DOMINANTES

Os governantes nem sequer se preocupam mais com as aparências. Representantes de todos os poderes do Estado, num gesto simbólico de servilismo, comparecem à inauguração do novo edifício da embaixada americana — sede do governo de fato do país — transformando o ato num acontecimento oficial. Isso, dias depois do senador Alencastro revelar que um parecer tornando ainda mais escancaradamente entreguista a «Petrobrás» foi redigido no próprio Catete. Getúlio perde as últimas composturas e confessa a verdadeira fisionomia traidora de seus projetos, mandando alterá-los com mão de gato à última hora, para facilitar a utilização que deles pretendem fazer seus únicos beneficiários: os magnatas ianques.

PRIMEIRO DE MAIO, JORNADA PATRIÓTICA

Ante esta situação, a Jor-

nada do Trabalho que comemoramos este ano, assume mais de que nunca, o caráter de uma grande jornada patriótica. Cada vez mais a defesa da Paz, a defesa da soberania da Pátria, esta nas mãos da classe operária. É esta lutando contra a política de guerra e fome do governo em condições de arrastar o nosso povo e forjar a grande frente única em prol da independência nacional das liberdades democráticas. Somente a classe operária guiada por seu estado-maior o glorioso Partido de Trabalhadores — é capaz de conduzir todo o nosso povo à luta e à vitória. A bandeira da salvação da Pátria da guerra e da escravidão está em mãos do proletariado. Esta é também a bandeira das grandes massas. Sob esta bandeira, desfilam os trabalhadores neste Primeiro de Maio, cerrando cada uma das suas fileiras, organizado e reunindo a todo o povo para novos combates a fim de libertar a nação do jugo imperialista e conquistar a Pa-

Que vem fazer aqui a Esquadra Americana?

No dia 12 do mês passado foi divulgado uma comunicação da embaixada americana anunciando, sem mais aquela que, no dia 27 de julho próximo, nada menos de 25 navios de guerra dos Estados Unidos aportariam no Rio e em Santos. Estes navios trazem em seu bojo um contingente de 14.552 homens e são capitaniados pelos dois maiores encouraçados ianques, o «Missouri» e o «Wisconsin», que se encontravam em operações de guerra na Coreia.

Que vem fazer aqui essa esquadra dos EE. UU.? O comunicado diz que a viagem tem um duplo objetivo: treinamento e «familiarização» com o povo e cidades brasileiras. Trata-se, assim, de um ensaio de guerra. Os piratas ianques querem utilizar nosso solo para suas guerras de rapina, inclusive contra o nosso próprio povo, que resiste à entrega do país aos trustes e recusa-se a participar das aventuras militares dos abutres norte-americanos contra nações irmãs. Os bandidos americanos mon-

dam-nos seus navios como quem diz: transforma-te em meu escravo senão te esmago com a minha força.

Nosso povo, porém, jamais aceitará a afronta nem recuará ante os arreganhos do imperialismo. Ele há de manifestar sua justa e profunda indignação patriótica contra os «navios» e contra a camarilha de Getúlio que pedindo todo e qualquer decóro, permite um ensaio de ocupação da Pátria por tropas estrangeiras. Nosso povo ama sua Pátria e há de fazer justiça a todos os calabrões.

tução da U. R. S. S. será uma ata de acusação contra o fascismo, moéticas dos melhores homens do mundo civilizado, a nova Consti- mento socialista da classe operária e pisa no todo as aspirações de

«Agora que a onda lamacenta do fascismo vomita sobre o move- U. R. S. S., diz Stálin: Caracterizando a significação internacional da Constituição da

S. S. pode fazer-se também em outros países. tra a reação burguesa. Demonstra que o que foi realizado na U. R. S. S. pode fazer-se também em outros países. camente, arma os trabalhadores de todo o mundo para lutar con- socialista e de transição gradual para o comunismo. Moral e polít- movimento, numa etapa de coramentamento da edificação da sociedade universal, de que a U. R. S. S. entrou numa nova etapa de desen- de programa de luta e vitória; para os países capitalistas, um gran- balanço de luta e vitória; para os países capitalistas, um gran- de Constituição Stalinista. Para os trabalhadores da U. R. S. S. é unanimidade, a nova Constituição, em honra de seu criador, o nome tulca, a 5 de dezembro de 1936. Os povos da U. R. S. S. deram, por O VIII Congresso dos Soviéticos aprovou e sancionou essa Consti- democracia socialista.

«O que, durante séculos, haviam sonhado os cérebros melhores, e male avançada da humanidade, fez-se lei intangível na Constitui- ção da U. R. S. S. Constituição do socialismo triunfante e da ampla

lecer a propriedade socialista e defender a pátria socialista. regras de convivência na sociedade socialista, salvaguardar e fortifi- trabalho, cumprir honradamente seus deveres sociais, respeitar as

os cidadãos sérios deveres: cumprir as leis, acatar a disciplina no Ao mesmo tempo, a Constituição da U. R. S. S. impõe a todos a anarquia, nem o descompromisso forçado.

por todo o sistema da economia socialista, que não conhece as crises, Vistos na História, estão assegurados material e economicamente Estes amplos direitos e liberdades dos trabalhadores, jamais atividades científicas ou pela luta em prol da libertação nacional, perseguidos por defender os interesses dos trabalhadores, por sua

correspondência e o direito de asilo para os cidadãos estrangeiros violabilidade pessoal, a inviolabilidade do domicílio e do segredo da e de comícios, o direito de agrupar-se em organizações sociais, a in- cidade socialista, a liberdade de palavra, de imprensa, de reunião

«A Constituição garante, no interesse da consolidação da so- tangível. A Constituição garante, no interesse da consolidação da so-

A unidade política e moral do povo soviético obteve nestas eleições brilhante confirmação. Stálin foi o primeiro candidato eleito pelo povo, o primeiro Deputado do Soviet Suprem da URSS.

Ao aumentar em proporção gigantesca a atividade das massas, ao crescerem as tarefas que a continuação da edificação do socialismo implicava, apresentou-se de modo novo o problema da tempera política e ideológica dos nossos quadros.

Numa série de intervenções, o camarada Stálin expôs em forma ecntudente, perante nossos quadros, a tarefa de assimilar o bolchevismo, indicando que contávamos com tôdas as possibilidades e meios necessários para preparar ideologicamente nossos quadros xismo-leninismo. Com precisão e profundidade stalinista, expõe e em noventa por cento, a solução de todos os nossos problemas práticos.

Em 1938 apareceu a História do P. C. (b) da U.R.S.S., escrita pelo camarada Stálin e aprovada por uma comissão do C. C. do P. C. (b) da U.R.S.S.

A aparição desse livro constitui um acontecimento de enorme importância na vida ideológica do Partido bolchevique que recebe, assim, uma nova e poderosa arma ideológica bolchevique, uma verdadeira enciclopédia dos conhecimentos fundamentais do marxismo-leninismo. Com precisão e profundidade stalinista, expõe e sintetiza esse livro a gigantesca experiência histórica do Partido Comunista, experiência que não teve nem tem nenhum outro Partido do mundo. No Compêndio de História do P. C. (b) da U.R.S.S. vemos como continuou o desenvolvimento do marxismo nas novas condições da luta de classes do proletariado, o desenvolvimento do marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias, do marxismo da época da vitória do socialismo, numa sexta parte do mundo. Em período curto, difundiu-se esse livro em enorme quantidade de exemplares. «Podemos dizer — manifestou o camarada Zhdanov, no XVIII Congresso do Partido — sem temor de exagerar, que, desde que existe o marxismo, é o primeiro livro marxista que teve tão ampla difusão.

Na História do P. C. (b), no capítulo Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico, faz-se, nos termos mais claros e sóbrios, uma exposição genial dos fundamentos do materialismo dialético e do materialismo histórico. Nessa obra, sintetiza Stálin

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

«Um dos mais importantes problemas da construção do socialismo que se levantava diante do Partido era o da educação pela sociedade soviética de seus próprios quadros, o problema da criação pelo povo

— Stálin em 1936 —





Da direita para a esquerda: Stalin, Zhdanov, nos camaradas de Moscú, em 1934.

COMO consequência dos êxitos da linha geral do Partido, continuavam avançando continuamente no país a indústria e a agricultura. O Segundo Plano Quinquenal stalinista completou-se, na indústria, em abril de 1937, antes do prazo fixado, isto é, em quatro anos e três meses. Ao encerrar-se a reconstrução da indústria e da agricultura, nossa economia nacional estava provida da técnica mais avançada do mundo. Nossa indústria recebeu enorme quantidade de máquinas, tornos e outros instrumentos de produção. Nossa agricultura obteve os magníficos tratores soviéticos, ceifadoras-atadeiras e outras complicadas máquinas agrícolas. O transporte, magníficos automóveis, locomotivas, vapores e aviões. O Exército Vermelho Operário e Camponês ficou magnificamente equipado com uma técnica nova em artilharia, tanques, aviões e navios de guerra.

Todo esse gigantesco trabalho de rearmamento técnico de nossa economia nacional levou-se a cabo sob a direção imediata de Stálin. Novas marcas de máquinas, grandes invenções e inovações técnicas entraram e continuam entrando em uso por indicação direta sua, intervindo pessoalmente em todos os detalhes do trabalho de reconstrução técnica da indústria e da agricultura, animando e alentando operários e engenheiros, diretores de empresas isoladas e de ramos industriais, inventores e construtores. Especial atenção e amor dedicou ao trabalho de equipar tecnicamente nosso Exército

riético perante o povo. Sob a direção do C. C. e do camarada Stálin, o Partido reorganizou os métodos de trabalho, de acordo com suas novas tarefas, no sentido de desenvolver os princípios da democracia interna, fortalecer as bases do centralismo democrático, desenvolver a crítica e a auto-crítica, fazer com que fosse mais completa a responsabilidade dos órgãos do Partido perante suas massas. Pedra angular da campanha eleitoral do Partido, foi a idéia stalinista do bloco de comunistas e sem-partido.

A 11 de dezembro de 1937, véspera do dia das eleições, Stálin falou em seu distrito eleitoral, pondo em evidência a radical diferença entre as eleições na U.R.S.S., verdadeiramente livres, e as eleições nos países capitalistas, onde o povo se encontra sob a pressão das classes exploradoras. Na U.R.S.S. foram suprimidas as classes exploradoras, o socialismo já é uma realidade viva e as eleições se celebram sobre essa base. Em seguida, determinou Stálin que condições deviam reunir os dirigentes eleitos pelo povo, como deputados do Soviét Supremo. O povo deve exigir que sejam homens políticos do tipo de Lênin, tão lúcidos e tão precisos, tão intrépidos no combate, tão refratários a toda sombra de pânico, tão implacáveis com os inimigos do povo, tão ponderados e refletidos, quando se trata de resolver complexos problemas políticos, que necessitam da orientação em todos os seus aspectos; tão verazes e amantes do seu povo, como o era Lênin.

Todo o país escutou o discurso do seu genial e sábio dirigente. Suas palavras chegaram ao fundo da consciência dos trabalhadores. Esse discurso de Stálin determinou os princípios que guiam a atividade dos homens eleitos pelo povo, inspirou este e deu ainda maior coesão ao bloco de comunistas e sem-partido.

A 12 de dezembro, celebraram-se as eleições para o Soviét Supremo da URSS. Converteram-se numa festa de todo o povo, num êxito do povo soviético. Dos 94 milhões de eleitores que integram o censo, tomaram parte nas eleições mais de 91 milhões (96,8%) e 20 milhões de homens confirmaram a vitória do socialismo ao votar, por unanimidade, pelas candidaturas do bloco de comunistas e sem-partido. Foi uma brilhante vitória do bloco stalinista dos comunistas e dos sem-partido, um êxito do Partido de Lênin e Stálin, da direção leninista-stalinista do Partido.

(*) — Publicado em português com o título «A luta contra o Trotskismo».

sendo testemunho de que o socialismo e a democracia são inventos sem sustentáculo eficaz para todos aqueles que levam a cabo a luta contra a barbárie fascista». (J. Stálin — Problemas do Leninismo, ed. esp. pág. 526).

As vitórias do socialismo, conseguidas pelo Partido, sob a direção de Stálin, enluqueciam mais ainda os inimigos do povo. O ano de 1937 trouxe novos dados sobre os monstros dos bandos bukarinistas: trotskistas de espíritos, saboteadores e assassinos, a soldo dos serviços de espionagem dos Estados capitalistas. Os processos puseram em evidência que tais detritos do gênero humano já estavam mancomunados contra Lênin, contra o Partido e contra o Estado soviético, desde os primeiros dias da Revolução de Outubro. Cumprindo as ordens de seus imperiais, propunham-se destruir o Partido e o Estado soviético, mirar os alicerces da defesa do país, facilitar a intervenção militar estrangeira, preparar a derrota da U.R.S.S. numa colônia do imperialismo e restaurar nela a escravidão capitalista. Sob a direção de Stálin, o Partido e o Poder Soviético destrozaram os vespúrios de inimigos do povo. Em seu Informe perante o Pleno do C. C., celebrado em março de 1937, sobre as deficiências do trabalho do Partido, Stálin traçou um programa concreto para fortalecer os órgãos do Partido e dos Soviets, para alertar a vigilância política, dando a palavra de ordem de castigar o oportunismo, o desmandado e o oportunismo. Stálin armou o Partido para a luta contra os inimigos do povo e ensinou como arrancar-lhes a máscara. A justiça soviética descobriu seus crimes e condenou a morte os monstros trotskistas-bukarinistas, que foram fuzilados. O povo soviético aprovou o esmagamento de bando trotskista-bukarinista e passou aos assuntos da ordem do dia, preparando-se para celebrar, organizadamente, as eleições para o Soviét Supremo da U.R.S.S. Sob a direção do C. C. e do camarada Stálin, o Partido desencadeou, em toda a União, o trabalho preparatório com vistas às eleições. A implantação de uma nova constituição significava uma viragem na vida política do país, maior democratização e intensificação da atividade política. O novo sistema eleitoral conduziu a reforçar o controle dos órgãos do Poder Soviético, acentuar a responsabilidade dos órgãos do Poder

toneladas mais do que em 1913: 2.700.000 toneladas de algodão em bruto, isto é, três vezes e meia mais do que em 1913.

Tal crescimento sem precedentes da produção — diz a camarada Stálin — não pode ser considerado como um desenvolvimento simples e corrente do país, de atraso para o progresso. Foi um salto mediante o qual nossa Pátria se transformou de país atrasado em país avançado, de país agrário em país industrial. (J. Stálin, Discurso aos eleitores, Ed. Horizonte, Rio, 1946).

No outono de 1939, por iniciativa do camarada Stálin, foram libertados do jugo dos senhores de terra polacos nossos irmãos de socialismo, pelos méritos excepcionais na organização do Partido bolchevique, na criação do Estado Soviético, na construção da sociedade socialista na U.R.S.S., e no fortalecimento da amizade entre os povos da União Soviética.

A 22 de dezembro de 1939, o camarada Stálin foi eleito membro de honra da Academia de Ciências da U.R.S.S.

Do dia 15 ao dia 20 de fevereiro de 1941 celebrou-se a XVIII Conferência do P.C. (b) da U.R.S.S. A Conferência examinou os problemas relacionados com as tarefas das organizações do Partido no terreno da indústria e do transporte, os problemas relacionados com os resultados econômicos do ano de 1940 e com o plano de desenvolvimento da economia nacional da U.R.S.S. para 1941, bem como os problemas de organização.

Segundo as indicações de Stálin, a Conferência desenvolveu seus trabalhos sob a divisa de posterior fortalecimento da potência defensiva do País Soviético.

Por iniciativa do camarada Stálin, o C. C. do P. C. (b.) da U.R.S.S. e o Governo soviético, baseando-se nas decisões do XVIII Congresso do P. C. (b.) da U.R.S.S., encarregaram a Comissão do Plano de Estado da U.R.S.S. a proceder à elaboração do plano econômico para o ano de 1941, para um período de 15 anos. Este plano foi elaborado

mente à prática o plano de defesa da Capital, o plano de derrota das tropas alemãs nas cercanias de Moscou.

O inimigo se encontrava à vista de Moscou. Apesar disso, a 8 de novembro de 1941, celebrou-se em Moscou a tradicional sessão solene do Soviét de deputados dos trabalhadores de Moscou, com as organizações do Partido e sociais da cidade, consagrada ao XXIV aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Nela Stálin pronunciou um informe.

Em seu informe, Stálin fez o balanço de quatro meses de guerra. Com severa franqueza o chefe do exército e do povo disse que o sério perigo que se formara sobre o país não se havia atenuado mas, ao contrário, havia aumentado ainda mais. E ao mesmo tempo Stálin previa, com a mais profunda penetração, que o esmagamento dos imperialistas alemães e de seus exércitos era absolutamente certo.

O plano dos invasores fascistas alemães de «acabar com a União Soviética mediante uma «guerra relâmpago» em um mês e meio ou dois meses, havia fracassado completamente. Os cálculos dos estrategistas fascistas alemães, de criar uma coalizão geral contra a U.R.S.S. e isolar a esta, os cálculos baseados na falta de solidez da retaguarda soviética, na debilidade do Exército Vermelho e da Marinha Vermelha não se justificaram.

Ao pôr em relêvo as causas dos revezes temporários do Exército Vermelho, Stálin assinalava que uma das causas desses revezes era a ausência de uma segunda frente na Europa. A outra causa era que o Exército Vermelho tinha uma quantidade insuficiente de tanques e em parte de aviões, embora fossem por sua qualidade superiores aos alemães.

Stálin colocava a tarefa de reduzir a zero a superioridade numérica dos alemães em tanques e aviação e melhorar assim radicalmente a situação de nosso exército.

Esta indicação do chefe teve uma altíssima importância para o desenlace da guerra. Cumprindo esta indicação, a indústria soviética aumentava cada mês a produção de aviões, tanques e meios de luta contra os alemães, liquidando no curso da guerra a superioridade numérica do inimigo quanto ao material de guerra.

em relação à U.R.S.S., prolongava por todos os meios as negociações com a União Soviética sobre a organização da resistência coletiva no possível agressor, propondo à União Soviética condições manifestamente inaceitáveis para a conclusão de um acordo.

Vendo a falta de desejo dos governos da Inglaterra e da França de colaborar com a União Soviética na luta pela paz, o Governo da U.R.S.S., teve que se preocupar com garantir a segurança de nosso país.

Em agosto de 1939, o Governo da U.R.S.S. concertou com a Alemanha um tratado de não agressão. Este tratado, como assinava Stálin, não lesava a integridade territorial, a independência e a honra de nosso Estado, nem direta nem indiretamente. Garantia, em troca, ao País Soviético a paz no período imediato e permitia preparar as forças para oferecer resistências no caso de ser a U.R.S.S. atacada.

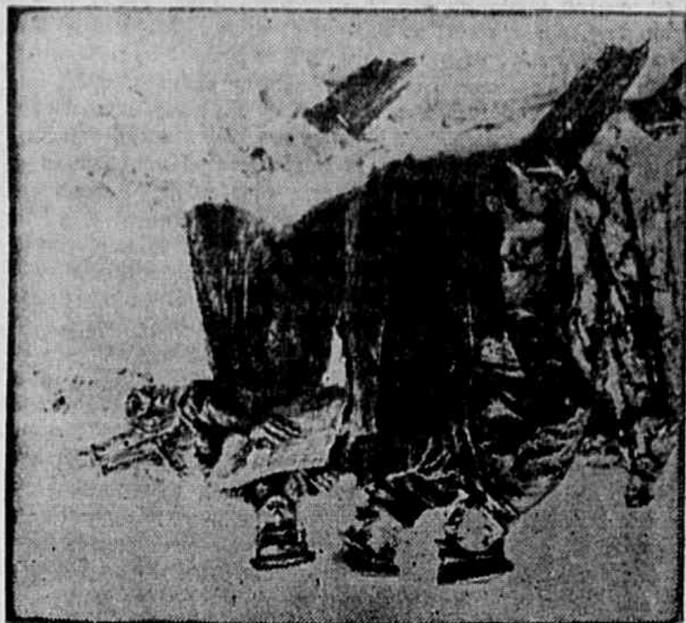
Segundo as indicações do camarada Stálin sobre a necessidade de manter o país disposto a mobilizar-se no caso de uma agressão armada do exterior, o Partido bolchevique, durante um longo período de tempo, levou a cabo de um modo consequente e constante a preparação da União Soviética em todos os sentidos para a defesa ativa. Como resultado da aplicação, nos anos dos Planos Quinquenais stalinistas, da política soviética de industrialização do país e de coletivização da agricultura, foi criada uma poderosa base econômica, que podia ser utilizada para a defesa ativa do nosso Estado.

Esta política do Partido, permitia obter no país a quantidade de metal suficiente para a fabricação de armamento, de munições e de máquinas para as empresas, de combustível para sustentar o trabalho das empresas e o transporte, de algodão para a produção de equipamentos e cereais para o abastecimento do exército.

Como resultado da política de industrialização do país e de coletivização da agricultura, na União Soviética, no transcurso do ano de 1940, se obtiveram: 15 milhões de toneladas de ferro fundido, isto é, quase quatro vezes mais do que na Rússia tsarista, no ano de 1913; 18.300.000 toneladas de aço, isto é, quatro vezes e meia mais do que em 1913; 166 milhões de toneladas de carvão, isto é, cinco vezes e meia mais do que em 1913; 31 milhões de toneladas de petróleo, isto é, 3 vezes e meia mais do que em 1913; 38.300.000 toneladas de cereais destinadas ao mercado, isto é, 17 milhões de



Stálin em 1939



A nova guerra havia sido desencadeada pelos dois principais Estados imperialistas agressores: Alemanha e Japão. Esta guerra, indicava o camarada Stálin, havia arrastado para a sua órbita a mais de quinhentos milhões de seres, havendo estendido seu campo de ação sobre um imenso território, desde Tien-tsin, Shangai e Cantão, através da Abissínia, até Gibraltar. A guerra prejudicava cada vez mais os interesses dos Estados não agressores, sobretudo da Inglaterra, França e dos Estados Unidos. Apesar disso, os governos desses Estados não ofereciam a resistência devida aos agressores. Renunciaram à política de segurança coletiva e passaram a ocupar uma posição de «neutralidade», uma posição de não intervenção. A política de não intervenção significava favorecer a agressão, desencadear a guerra. Os inspiradores do famoso «pacto de Munich» — os governantes da Inglaterra e da França — Chamberlain e Daladier, queriam dirigir a agressão do fascismo alemão para o Leste, contra a União Soviética.

O camarada Stálin denunciou as maquinacões dos incendiários de guerra contra a U.R.S.S., os quais declaravam que as concessões munitiquistas aos agressores e o pacto munitiquista de não intervenção naviam dado começo a uma nova era de «apazguamento». O camarada Stálin prevenia que «o jogo político, grande e perigoso, que iniciaram os partidários da política de não intervenção, pode terminar para eles com um grave descalabro». (J. Stálin — *Problemas do Leninismo*, pág. 562, ed. esp.).

Com excepcional profundidade o camarada Stálin descobriu perante o Partido e o povo soviético toda a complexidade e o perigo da situação internacional que se havia formado então e determinou os princípios que guiavam a política exterior soviética, dizendo:

«As tarefas do Partido no terreno da política exterior são:

- 1) continuar aplicando a política de paz e de fortalecimento das relações práticas com todos os países;
- 2) abservar prudência e não permitir que nosso país seja arrastado a conflitos pelos provocadores da guerra, acostumados a que outros lhes tirem as castanhas do fogo;
- 3) reforçar por todos os meios a potência militar de nosso Exército Vermelho e de nossa Marinha Vermelha de Guerra;
- 4) fortalecer os laços internacionais de amizade com os paí-

Almanha contra a U.R.S.S.
do pela guerra, desencadeada como consequência da agressão de 1941, o trabalho pacífico e criador do povo soviético foi interrompido. Nas vitórias, para frente, para o comunismo. Porém, em junho de 1941, o povo soviético marchava para nos Comissários do Povo da U.R.S.S.
No Soviet Supremo da U.R.S.S., foi nomeado Presidente do Conselho de Comissários do Povo da U.R.S.S., J. V. Stálin, por um Decreto do Presidium.
A 6 de maio de 1941, J. V. Stálin, por um Decreto do Presidium, guias e outros meios de produção e artigos de consumo.
Fábrica, de ferro fundido, aço, combustível, energia elétrica, máquinas e outros meios de produção e artigos de consumo.
Tendo em vista a realização da tarefa de ultrapassar os principais países capitalistas no sentido econômico, isto é, na produção de guias e outros meios de produção e artigos de consumo.

Atendendo ao chamado do Partido, em defesa da Pátria levantaram todos os povos da União Soviética.

Rápida e resolutamente se levou a cabo a reorganização de toda a economia nacional e o trabalho de todas as organizações do Partido, do Estado e sociais sobre uma base militar, para atender às necessidades da frente. Frente e retaguarda se converteram em um acampamento militar único e indivisível. Mais do que nunca todo o povo soviético se uniu e agrupou estreitamente em torno do Partido bolchevique e do Governo.

Em curto prazo toda a indústria foi destinada a produção de guerra. Milhares de empresas industriais das regiões ameaçadas pelo inimigo foram evacuadas para a retaguarda e ali continuaram funcionando. Nas regiões orientais do país se desenvolvia com êxito a construção de novas empresas da indústria de guerra. Ao Exército Vermelho se incorporavam novos contingentes. Nas cidades e regiões próximas da frente se formavam as Milícias Populares. Nos territórios soviéticos temporariamente ocupados pelo inimigo, já nos primeiros dias da guerra começaram a atuar os vingadores do povo, os intrépidos guerrilheiros soviéticos.

A 19 de julho de 1941, o Presidium do Soviet Supremo da U.R.S.S. nomeou J. V. Stálin Comissário do Povo da Defesa da U.R.S.S. Stálin realiza um trabalho imenso de reforçamento das forças armadas soviéticas. Sob a direção de Stálin, o Exército Soviético aplicou a tática de defesa ativa, cujo objetivo era extenuar o adversário, aniquilar ao máximo sua força viva e material de guerra e preparar as condições para a passagem à ofensiva.

O alto comando hitlerista, que baseava seus cálculos no esmagamento relâmpago da U.R.S.S., na rápida tomada de Moscou e Leningrado, sem ter em conta as enormes perdas do exército alemão em homens e material de guerra, lançou suas reservas na frente soviético-alemã. Em outubro, à custa de perdas colossais, os alemães conseguiram irromper na região de Moscou.

Criou-se a situação mais perigosa de toda a campanha de 1941. Um perigo mortal ameaçava Moscou. A 19 de outubro de 1941, com a assinatura do Presidente do Comitê de Defesa do Estado, camarada Stálin publicou-se uma disposição declarando o estado de guerra em Moscou. Stálin elaborou e levou brilhante-

